

# Público P2

## Estará a Alemanha preparada para Annalena Baerbock?

P4 a 7



A “turma” de miúdos do FC Porto que levou Portugal à final P16/17



O skate ajuda a sonhar num bairro onde “os pais desistem muito cedo dos filhos” P12 a 15

# Índice

**4** **Perfil Verdes**  
Estará a Alemanha preparada para Annalena Baerbock?

**8** **Ensaio João Miguel Tavares**  
A ditadura do politicamente correcto

**12** **Reportagem Maputo**  
O skate ajuda a sonhar quando “os pais desistem muito cedo dos filhos”

## Ai Weiwei e a ilusão da liberdade



**O que é meu é teu**  
**Vítor Belanciano**

**E**xiste o artista, a obra e o seu contexto. O caso do artista chinês Ai Weiwei é muito curioso. Por estes dias muito se tem falado dele, devido à inauguração de uma grande exposição em Lisboa e por assumir afecto pelo país onde agora residirá parcialmente. A sua obra tem potencialidades, e também limites, como o simplismo recorrente na grande escala e no simbolismo de objectos familiares que geram uma empatia imediata com o espectador.

Nele a arte é indissociável do activismo político. Foi em primeira instância o facto de se insurgir pela liberdade de expressão na China, e de ter estado em prisão domiciliária durante quatro anos a partir de 2011, que lhe deu uma visibilidade transversal na Europa e nos Estados Unidos. Nesses anos tornou-se o crítico e dissidente chinês mais apetecível do mundo ocidental, sempre pronto a demonizar a China. A sua relação com o país de origem auto-alimentou-se. Ao censurarem-no, promoveram-no. Foi por isso que a partir de determinada altura o deixaram sossegado.

Isso permitiu transformá-lo numa celebridade. Mas nunca mais aquilo que diz e pensa foi reproduzido na sua complexidade. As suas palavras só são aceites para simplificar. É verdade que Ai Weiwei foi a joguina, como ele costuma dizer. Ganhou fama. Mas também foi instrumentalizado. Estamos dispostos a ouvi-lo dizer que o regime chinês é totalitário. Mas assobiamos para o lado quando diz que nos Estados Unidos e na Europa a liberdade é também uma ficção, mesmo se os sintomas são outros. O mesmo acontece quando declara que o capitalismo se tornou incontornável e que a política foi resgatada pelas grandes empresas e entidades corporativas que não respeitam as fronteiras ou a democracia.

Mais ainda. Se existe alguma coisa

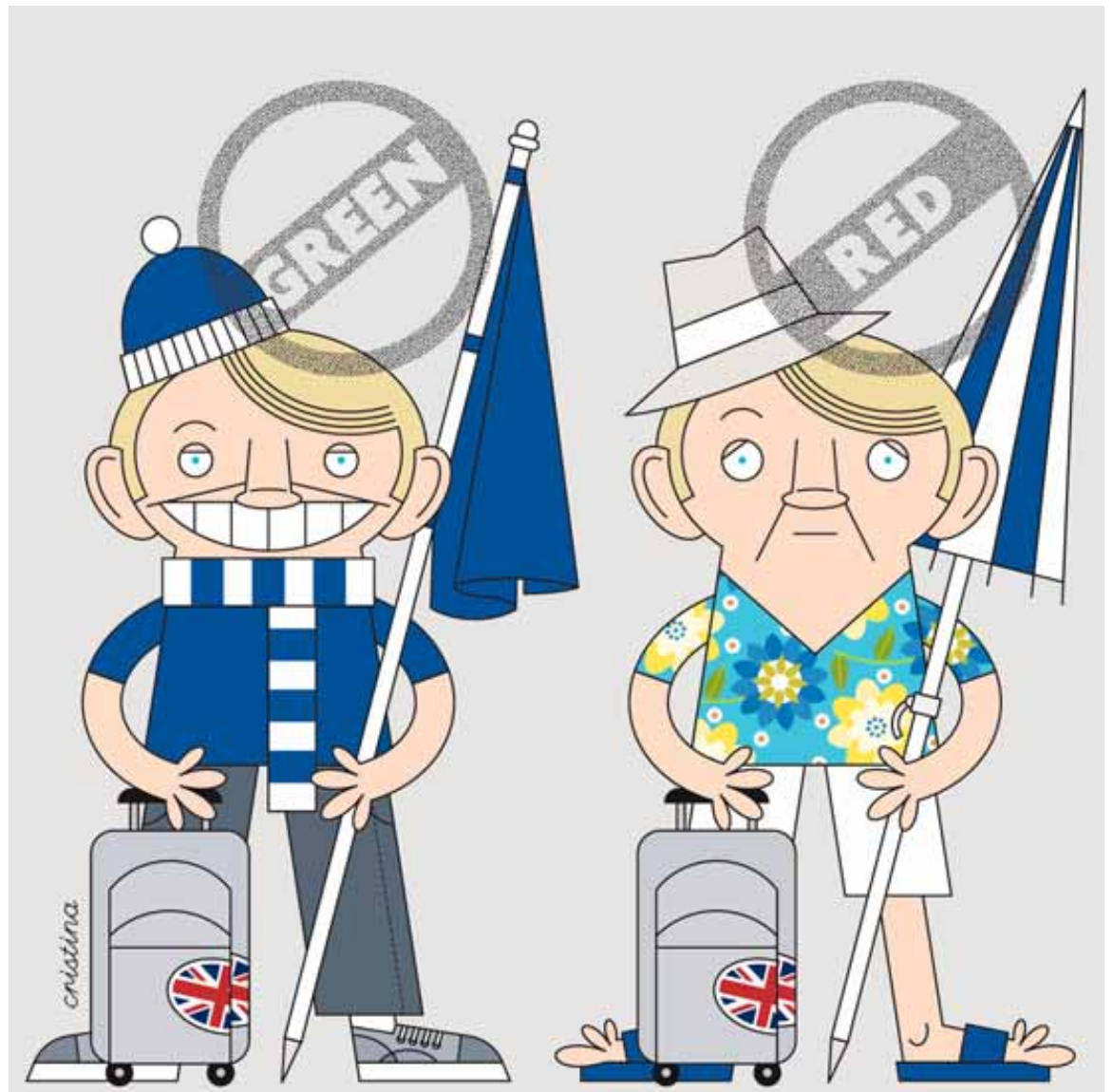
que o sucesso económico chinês veio demonstrar é que quanto mais musculado um Estado for, mais hipóteses poderá ter o capitalismo de florescer. Mas, claro, disso, ninguém quer ouvir falar. Não serve a narrativa neoliberal. Mas Ai Weiwei é claro: neste momento, não existem grandes diferenças entre China, Estados Unidos ou Portugal. A única ideologia que move esses países chama-se capital.

O mesmo acontece quando se fala de liberdade. A Europa e os Estados Unidos gostam de se ver a si próprios como os guardiões da mesma. Mas quando os poderes vigentes se sentem ameaçados reagem. Que o digam Snowden ou Julian Assange, por exemplo. Pode-se dizer o que se quer, mas só até certo ponto. Vive-se na ilusão da liberdade. No mundo ocidental achamos que o controlo sobre os cidadãos é apenas exercido conscientemente em países com tendências ditatoriais. Custa-nos aceitar que esse controlo é também exercido aqui, de uma outra forma, mais subtil ou elaborada, mas ele existe. E o que é pior: confundimos tantas vezes esse controlo com liberdade.

É-nos fácil vislumbrar a violência à distância, mas quando ela acontece no Mediterrâneo torna-se mais difícil de lidar com ela. Da mesma forma, durante décadas, ouvimos falar da crueldade exercida sobre as mulheres nos países muçulmanos. Mas depois do mediatismo do #MeToo ou dos muitos casos de violência doméstica, constatamos que essa brutalidade é também ela exercida ao nosso lado. Ainda assim, quando se constata isso, a tentação é relativizar e dizer que não é comparável. Pode manifestar-se de forma diversa, o que não significa que não possa até ser mais brutal. De outra maneira, é isso que Ai Weiwei tem vindo a dizer sobre as diversas faces do capitalismo. Mas alguém está realmente a ouvi-lo?

**Jornalista**

**Desalinho**  
**Cristina Sampaio**



**A seguir**  
**Marcelo Rebelo de Sousa**



**Avisos do 10 de Junho**

Este ano, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, escolheu a Madeira como palco para as comemorações do 10 de Junho. O local é outro (no ano passado foi em Lisboa), mas o momento é sempre um ponto alto aproveitado por todos os presidentes para fazerem avisos. Avisos esses que podem ser ao governo, à oposição ou à população geral. No ano passado, pouco depois do eclodir da pandemia de covid-19 em Portugal, Marcelo vincava que “os políticos fizeram uma trégua de dois meses e uniram-se no essencial” e dava uma espécie de sacudidela à classe política:

“Portugal não pode fingir que não existiu e existe pandemia, como não pode fingir que não existiu e existe brutal crise económica e financeira. E este 10 de Junho de 2020 é o exacto momento para acordarmos todo para essa realidade.” Agora vivemos um momento em que o Presidente dá sinais de desconforto e pressão sobre o Governo, quer a propósito da alegada “bolha” de adeptos ingleses no Porto que não existiu, quer a propósito da necessidade de controlar a vinda dos dinheiros da “bazuca” europeia. O momento, pois, é de expectativa sobre as palavras que chegarão do Funchal. **H.P.**

**16** **Análise**  
**Futebol sub-21**  
A turma dos miúdos  
que leva Portugal aos  
píncaros

**22** **Estar bem**  
**Crianças**  
Vamos  
brincar?

**23** **Obituário**  
**Eric Carle**  
(1929-2021)  
O artista solar

**Ficha técnica**  
**Director** Manuel Carvalho  
**Directora de Arte** Sónia Matos  
**Editor** Sérgio B. Gomes  
**Designers** Marco Ferreira e Sandra  
Silva **Email** sgomes@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

# Quando as ovelhas se unem



*Tanto faz  
não é resposta*  
**Carmen Garcia**

**E** escrevo como mãe. Como mãe de um filho surdo que usa um implante coclear à direita e uma prótese auditiva à esquerda. Escrevo como uma mãe que há mais de três anos luta diariamente contra os eufemismos, contra o medo, e que deixa claro a todos quanto o conhecem que ele, o Pedro, é surdo. Recuso-me a utilizar expressões como “tem um défice auditivo” ou “ouve um bocadinho mal”. Gosto da palavra surdo, assim mesmo como ela soa e se escreve. Porque é aquilo que o meu filho é.

E o Pedro sabe que é surdo. Sabe que os ouvidos dele não funcionam e que, sem a ajuda do implante e da prótese, o mundo dele é feito de silêncios. O João, com dois anos, também reconhece a surdez do irmão e todos os dias de manhã, quando acorda, verifica se o Pedro já tem o implante colocado. Se, por acaso, ainda não tiver, ele comunica por gestos e sem palavras e eles lá se entendem naquela forma de comunicar que lhes é exclusiva e que conhecem desde sempre.

Ao longo dos anos tenho ouvido perguntar dezenas de vezes porque é que não deixo crescer o cabelo do Pedro um bocadinho. As pessoas raramente o assumem frontalmente, mas eu percebo que a ideia é esconder o implante e a prótese. E fico tão furiosa... Porque não há nada para ser escondido ali. Não há absolutamente nada de que o meu filho se deva envergonhar. E essa é a mensagem que lhe tento passar a cada dia. A surdez não é para esconder.

Quero que o Pedro cresça forte, sem medo e sem vergonha de assumir aquilo que é. Faço o meu melhor para que ele, ainda tão pequeno, perceba que o caminho só pode ser este. Mas se uns dias sinto que vai correr tudo bem, às vezes, quando olho para ele tão inocente, forma-se no meu peito um aperto que não me deixa

respirar e o medo ataca cada bocadinho do meu ser.

O meu maior receio relativamente ao Pedro não são as dificuldades práticas causadas pela surdez, não é o aproveitamento escolar e tampouco são as condicionantes que a surdez lhe possa causar no futuro. Porque para resolver cada uma dessas questões cá estaremos, tão preparados quanto possível. O que me aterroriza, o que me tira o chão, é pensar que a surdez pode fazer do Pedro, do meu tão perfeito Pedro, uma vítima fácil de *bullying*.

Não sou psicóloga, não sei falar profissionalmente sobre estas questões e não possuo mais do que os conhecimentos básicos que adquiri ao ler uns quantos artigos mais ou menos científicos. Mas sou a mãe do Pedro e, por muito que lute, este medo nunca me deixa. Há sempre um “e se” na minha cabeça que me impede de relaxar totalmente e que me obriga a questionar se estou a fazer as escolhas certas na forma como o educar e preparo para o futuro.

**N**as últimas semanas voltou a falar-se muito sobre *bullying* em Portugal. O episódio lamentável que culminou com o atropelamento de um adolescente no Seixal incendiou as redes sociais e o tema esteve no centro das conversas. Mas não é como se o *bullying* fosse exactamente uma coisa recente, pois não?

Há mais de 20 anos, andava eu no 3.º ciclo, e existia na minha escola uma aluna cujo desporto era aterrorizar aqueles que lhe pareciam teoricamente mais fracos. Ninguém imagina o medo que eu tinha dela. E foi esse medo que me colou ao chão no dia em que a vi avançar contra uma colega que estava sentada num banco do recreio, sozinha, a ler um livro. A cena que se seguiu foi tão má quanto a outra menina perder o

*O bullying  
aterroriza-me.  
E ser mãe de  
um menino  
surdo só faz  
aumentar o  
receio. Porque  
eu não quero  
que o meu filho  
seja uma  
vítima. Mas  
acreditem que  
me aterroriza  
de igual forma  
o outro lado, o  
ser mãe de um  
agressor*

controlo dos esfíncteres e urinar-se de medo enquanto a agressora a pontapeava no chão. E sabem quantas pessoas lá foram ajudá-la? Zero, eu incluída. Por cobardia ficámos todos onde estávamos, cheios de medo de sermos a próxima vítima. Naquela altura ninguém nos tinha ainda ensinado que, quando as ovelhas se unem, os lobos se deitam com fome. Então fugimos dali para fora enquanto a nossa colega, naquela que foi, provavelmente, a maior humilhação da vida dela, se tentava levantar e limpar como podia.

Não sei o que foi feito dessa colega. Há anos que não a vejo. Mas não acredito que este episódio não lhe tenha deixado marcas. Não acredito que não haja um antes e um depois deste episódio na vida dela. Na minha há. Porque depois de tudo aquilo, depois de me ter portado como um rato, fartei-me de chorar. E chorei de vergonha de mim própria e da minha cobardia, que me fez fugir em vez de ajudar. É que se fôssemos duas contra uma talvez as coisas tivessem sido diferentes. E quem sabe se outras pessoas não se juntariam também. Podíamos ter retirado o poder à nossa agressora e, no final, fizemos precisamente o contrário.

Caramba, o *bullying* aterroriza-me. E ser mãe de um menino surdo só faz aumentar o receio. Porque eu não quero que o meu filho seja uma vítima. Mas acreditem que me aterroriza de igual forma o outro lado, o ser mãe de um agressor, o ter de olhar para o meu filho e perguntar onde é que falhei para que ele não perceba o respeito e a empatia.

Creio que as mães das crianças e dos jovens agressores, desde que não padeçam da síndrome de “o meu filho é um santo”, se devem sentir tão mal como as mães das vítimas. Com a agravante de que nelas o sentimento de culpa é ainda maior. Porque é impossível ser-se mãe de um agressor e não se sentir que se falhou em toda a linha, que a mensagem não passou

e que os valores que lhes tentámos transmitir se perderam algures.

**S**e é verdade que a psicopatia está relativamente bem estudada, também é verdade que está provado que a maioria dos agressores tem contextos complicados por trás. E, não pretendendo desculpá-los de todo, aquela é provavelmente a única forma que conhecemos para lidar com sentimentos e situações que não sabem gerir. É por isso que, ao mesmo tempo que acredito que devem ser penalizados pelos seus comportamentos de acordo com o que for apropriado para a sua faixa etária, também acredito que devem ser trabalhados e tão apoiados quanto possível. O *bullying* não se combate se investirmos apenas num dos lados.

O meu filho Pedro, que anda ali a apanhar caracóis no quintal enquanto canta a plenos pulmões o “amor para a vida toda” num português cheio de falhas, é feliz. Sinto isso todos os dias. É feliz com a prótese que prende com uma mola em forma de jipe na parte de trás da camisola, é feliz com o implante que adora mostrar como se tivesse poderes mágicos e, acima de tudo, é feliz também no silêncio que, para ele, tem o sabor e o conforto de uma casa.

E tudo aquilo que eu quero é que jamais lhe roubem esta felicidade e esta capacidade de encarar os outros e de dizer com um sorriso “não consegui ouvir, podes repetir, por favor?”. Tudo aquilo que eu quero é que ele não se sinta sozinho, que não seja uma vítima nem um dos que viram as costas com medo. Quero que ele fique e que saiba defender-se a ele e aos outros. Pela minha parte juro que vou tentar educá-lo para que ele seja um dos que, sem medo, obrigam o lobo a deitar-se com fome.

**Enfermeira**

# Estará a Alemanha preparada para Annalena Baerbock?

**Perfil** Os Verdes estão em segundo lugar nas sondagens, mas próximos da CDU. A candidata a chanceler, Annalena Baerbock, tem tido uma série de altos e baixos. A sua confirmação será feita no congresso dos Verdes do próximo fim-de-semana. Um retrato político da candidata

Por **Maria João Guimarães**

O que define Annalena Baerbock, a candidata a chanceler dos Verdes? A sua tenacidade e disciplina de ferro é já quase lendária – e faz lembrar a actual chanceler, Angela Merkel.

O facto de ser uma mulher, jovem, entre vários candidatos homens, mais velhos, faz com que sobressaia. Mas a pressão sobre a primeira candidata a chanceler dos Verdes ainda agora começou.

O facto de ter competido em trampolim (ganhou três medalhas de bronze em campeonatos nacionais) levou a um grande número de títulos sobre o “salto para a chancelaria” que Baerbock poderia dar. A

própria Baerbock também usou o seu passado desportivo de modo metafórico. “Quando estamos em segundo, e não estamos a fazer nada para ficar em primeiro, estamos a fazer algo mal”, disse quando se especulava quem seria a pessoa escolhida para ser, pela primeira vez em mais de 40 anos de história, a candidata dos Verdes a chanceler.

Depois de umas primeiras semanas em que o efeito de novidade trouxe um inegável entusiasmo em volta da sua candidatura, com a passagem de um tempo, alguns ataques e também alguns passos em falso vieram temperar as expectativas. Os Verdes estão com 23,1% na média de sondagens mais recentes sobre intenções de voto para as eleições legislativas de Setembro, atrás da

CDU, que tem 25,1%, depois de terem chegado a estar em primeiro lugar.

A imprensa alemã foi rápida a fazer os Verdes passar de grande esperança a grande desilusão. A revista *Der Spiegel* titulava mesmo na semana passada sobre uma imagem de Baerbock e o co-líder dos Verdes, Robert Habeck, com um girassol, o símbolo do partido, a perder as pétalas: “Bem-vindos à realidade.” Mas basta olhar para os resultados do partido em legislativas desde os anos 1980 para notar que o melhor resultado de sempre foi 10,7% nas eleições de 2009 (depois da primeira “grande coligação entre os democratas-cristãos e os sociais-democratas, no primeiro mandato de Merkel). Nas últimas legislativas, o partido obteve apenas 8,9%, ficando em sexto lugar.

Mesmo que seja arriscado fazer prognósticos, o lugar actual é de uma ordem de grandeza diferente, o que analistas políticos dizem dever-se à liderança de Annalena Baerbock e Robert Habeck, que transformaram os Verdes de um partido indisciplinado numa máquina política bem oleada e muito profissional.

Como conta o jornalista do TAZ (*Die Tageszeitung*) Ulrich Schulte no seu livro *Die grüne Macht* (“O Poder Verde”, em tradução livre), os dois formaram uma equipa coesa, a quem é dado crédito pela transformação do “partido antipartido” numa formação “muito profissional”. “Há muitos anos que não me lembro de haver uma discussão não orquestrada num congresso do partido”, diz Schulte.





### Canhões de água e bolo

Nascida a 15 de Dezembro de 1980 em Hanôver (Baixa Saxónia), Annalena Charlotte Alma Baerbock cresceu numa quinta numa pequena localidade (Schulenburg, 2300 habitantes) com as duas irmãs, duas primas e os tios, “entre campos de beterrabas e campos de futebol”. A sua família era, descreveu, “um pouco hippie” (o pai engenheiro e a mãe educadora social). Cresceu a ir a manifestações pelo fim do nuclear e contra os mísseis Pershing II na Alemanha Ocidental na altura da Guerra Fria. Sobre esses tempos disse numa entrevista ao *Tagesspiegel* que às vezes havia canhões de água da polícia, “mas depois em casa havia bolo”.

### Currículo

Nascida em 1980 em Hanôver, na Baixa Saxónia, Annalena Baerbock cresceu “entre campos de beterrabas e campos de futebol” e nas manifestações pelo fim do nuclear. Estudou Ciência Política e Direito Público em Hamburgo e fez um mestrado em Direito Internacional Público em Londres, na London School of Economics

Movida pelas injustiças do mundo, e em parte também pela chegada de refugiados da guerra da ex-Jugoslávia à Alemanha, quis ser jornalista de internacional, conta, o que a levou a um percurso que faz de si uma exceção nos mais altos cargos da política alemã: fez um ano de intercâmbio na Florida e, depois de ter estudado Ciência Política e Direito Público em Hamburgo, fez um mestrado em Direito Internacional Público na London School of Economics (LSE). É raro ver uma política de topo com um percurso tão internacional.

Baerbock começou ainda um doutoramento na Universidade Livre de Berlim, em 2019, mas deixou-o, enquanto se dedicava mais à actividade política. Vários políticos alemães têm tido problemas com

doutoramentos que se descobrem ter sido plágios – o mais recente caso foi o da ex-ministra da Família, Franziska Giffey, que se demitiu em Maio na sequência do escândalo.

No seu *site*, a candidata dos Verdes tem também uma página em inglês, na qual fala do seu percurso e deixa alguns comentários: “Sendo uma europeísta empenhada, tento contribuir para diminuir o fosso entre ricos e pobres dentro da Alemanha, dentro da Europa e pelo mundo.”

Ao jornalista do *TAZ* disse que o que a levou à política foi o desejo de mudar as coisas para melhor. Cliché, mas verdade. “Custa-me ficar a olhar, quando penso que se podia estar a fazer qualquer coisa melhor”, declarou. →

## Mudança de geração

É de uma nova geração, e isso nota-se no seu papel dos Verdes e na Alemanha.

Primeiro, no partido: Baerbock entra nos Verdes em 2005, o ano em que Angela Merkel chega ao poder, tendo vencido por uma unha negra o social-democrata Gerhard Schröder. Terminava, assim, a coligação do Partido Social-Democrata com os Verdes, que durava desde 1998 e foi a primeira, e até agora única, experiência dos Verdes em participar num governo federal (nacional).

Nesta altura, já tinham ficado para trás os debates recorrentes e as lutas fidalgas entre os *reals* (pragmáticos) e *fundis* (radicais). Já foi muito depois do ponto de viragem de 1999, quando o então ministro dos Negócios Estrangeiros, Joschka Fischer, concordou com a participação da Alemanha na guerra do Kosovo, rompendo com as raízes pacifistas dos Verdes. No congresso extraordinário em que esta possibilidade foi debatida, Fischer foi atingido com uma bola de tinta vermelha, atirada por uma militante zangada com esta hipótese. O partido acabou, no entanto, por aprovar a intervenção militar.

Hoje, Annalena Baerbock não hesita em dizer que a NATO é essencial – embora discorde do objectivo de 2% do orçamento por cada país, dizendo que é um valor arbitrário e que a discussão à sua volta não é construtiva (a Alemanha não cumpre esta meta).

Uma das suas especialidades é a política europeia (um dos seus primeiros cargos nos Verdes foi no gabinete de uma eurodeputada do partido, em que rapidamente se afirmou pela capacidade de organização e argúcia quanto aos pormenores de todas as políticas) e internacional, além de dominar a área do clima. Nas negociações para uma potencial coligação com a CDU e os liberais, que ocorreram depois das últimas legislativas, foi a responsável pela discussão dos dossiers sobre o fim progressivo do uso de carvão e da política europeia.

Defende que a Alemanha tem de ter peso na Europa e a Europa tem de ter peso no mundo. Isso significa alinhar com a maioria dos europeus (e os EUA) na oposição ao Nordstream 2, que permite trazer mais gás russo directamente à Alemanha, e opor-se a uma relação mais próxima com a Rússia e a China. A aproximação à Rússia tem sido marca de muitos governos alemães (o antigo chanceler Gerhard Schröder foi trabalhar para empresas de energia russas e está no conselho do Nordstream 2, por exemplo) e, apesar de ser mais marcada no SPD, existe na CDU de Merkel (e é reconhecível no candidato da CDU Armin Laschet). Em relação à China, o Governo de Merkel distinguiu-se por apoiar um acordo de investimento – que acabou por ser, no mês passado, suspenso pelo Parlamento Europeu.

Além da mudança geracional nos Verdes, Baerbock representa uma geração diferente também na Alemanha: uma geração pós-unificação. Nascida na parte ocidental, escolhendo viver na parte oriental (depois de passar algum tempo em Berlim, foi viver para Potsdam, no estado federado de Brandeburgo, nos arredores da capital alemã – aos 28 anos, era a líder do partido no estado federado do antigo Leste).

Define-se como sendo de Oeste-Este. “Não consigo sinceramente dizer muito com base em atributos leste-oeste. Para mim a unidade alemã quer dizer sobretudo diversidade”, respondeu ao *Tagesspiegel*. Também isto poderá trazer vantagens aos Verdes que enfrentam historicamente dificuldades no Leste. Depois da reunificação em 1990, os Verdes do lado ocidental juntaram-se à Aliança 90, o grupo que saiu do movimento pró-democracia e que tinha uma forte componente ecológica – mas nem todos no movimento pró-democrático queriam juntar-se à Alemanha Ocidental; alguns desejavam só uma democratização da então República Democrática da Alemanha.

Para Baerbock, a verdadeira fronteira é entre a Alemanha urbana e a Alemanha rural. Conhece ambas bem, assinalam Massimo Hagemeyer, Peter Sparding e Anne Flotho-Liersch num artigo no site do German Marshall Fund.

## Ataques de dimensão “totalmente nova”

Quando anunciou a sua candidatura a chanceler, a 19 de Abril, Annalena Baerbock fez um discurso focado em temas positivos, com energia e boa disposição. A sua juventude e género contrastam com os outros candidatos, ambos homens mais velhos.

A imprensa elogiou estas facetas, destacou o tom, o elogio feito à Alemanha, um país com tantas capacidades e que pode fazer ainda melhor. Por outro lado, vários analistas avisaram que a caminhada apenas estava a começar e que em breve Baerbock e as políticas dos Verdes seriam o alvo de mais escrutínio e de ataques dos seus adversários, políticos e não só: estava “aberta a época de caça”.

Com a precisão de um relógio, a ofensiva começou, mas a intensidade espantou alguns.

Os ataques foram de uma “dimensão totalmente nova”, disse Michael Kellner, responsável da campanha dos Verdes, à emissora Deutsche Welle. Também à emissora alemã, Josephine Ballon, da HateAid, organização contra a violência digital, disse que o aumento de conteúdo falso não foi o que surpreendeu, mas sim “toda a velocidade e dimensão” – e em específico “ódio dirigido a um género que tenta desacreditar e silenciar o alvo”.

O conselheiro de comunicação Johannes Hillje também assinala que a seguir a “teorias de conspiração, islamofobia e ideias anti-imigração, a misoginia é um aspecto essencial dos grupos que criam este tipo de conteúdo”. Para a extrema-direita, “Baerbock é a nova Merkel”.

Além de comentários sobre a sua aparência, houve manipulação de imagens, com uma estrela porno russa a ser feita passar como sendo Baerbock. Também houve uma série de informações falsas a circular, incluindo a de que a candidata a chanceler queria proibir animais de estimação para combater as alterações climáticas.

Por outro lado, também houve falhas na gestão da campanha dos Verdes e da própria Baerbock: foi revelado que Baerbock não relatou ao Parlamento um bónus dado pelo partido, o que levou a comparações com deputados

# “

*Sendo uma europeísta empenhada, tento contribuir para diminuir o fosso entre ricos e pobres dentro da Alemanha, dentro da Europa e pelo mundo*

*Annalena Baerbock*

## Rivals

Annalena Baerbock com a chanceler, Angela Merkel (em baixo), e com Robert Habeck (ao lado), com quem disputou a liderança dos Verdes

democratas-cristãos que receberam contrapartidas em acordos de compra de máscaras na primeira fase da pandemia. As duas questões não são da mesma magnitude nem comparáveis (uma delas tinha que ver com favorecimento em troca de ganhos pessoais), mas a falha foi logo usada para criticar a “dupla moral” da candidata.

Também a defesa do limite de 130km/h nas auto-estradas alemãs (as emissões aumentam mais com maior velocidade) e uma afirmação sobre a necessidade de aumentar o preço dos voos *low cost*, que muitos viram como o prenúncio do fim dos voos baratos de cidades alemãs para, por exemplo, Maiorca (tão popular que é conhecida como “o 17.º estado alemão”) ou outros locais beneficiados pelo sol serviram para fortalecer o estereótipo de os Verdes serem “o partido das proibições”, uma imagem que Baerbock tanto tem tentado contrariar (já lhe perguntaram se queria proibir a carne, por exemplo).

O facto de ser mulher não é indiferente. Mesmo na apresentação da candidatura surgiu a questão de ser uma mulher com filhos ainda pequenos a candidatar-se a chanceler, já que seria a primeira vez que isso acontecia – afinal, a primeira mulher chanceler da Alemanha, Angela Merkel, não tem filhos (tem dois enteados, do segundo e actual marido, Joachim Sauer), embora lhe chamem, não sempre sem ironia, “Mutti” (“mamã”).

Não foi a primeira vez que Baerbock, que tem duas filhas, de seis e dez anos, ouviu a pergunta. Numa entrevista chegou a responder que o antigo Presidente dos Estados Unidos Barack Obama também tinha lidado com o desafio da Presidência quando tinha duas filhas de idades semelhantes. Na Alemanha, ainda há a



expressão “*Rabenmutter*”, as “mães corvo”, que deixam os filhos demasiado cedo para irem trabalhar.

### Falta de experiência ou mais do mesmo?

O ponto fraco de Baerbock é a falta de experiência governativa. Nunca foi sequer ministra de um governo de um estado federado. Se chegar a chanceler, será a primeira pessoa que não passou por um cargo executivo antes da chancelaria. Os outros candidatos na corrida às eleições de Setembro são Armin Laschet, 60 anos, da CDU, ministro-presidente da Renânia do Norte-Vestefália, o estado federado mais populoso da Alemanha, e Olaf Scholz, 62 anos, vice-chanceler e ministro das Finanças, do SPD.

Claro que Baerbock tem uma resposta na ponta da língua, o argumento que usou na apresentação da sua candidatura: “Não, não tenho experiência governativa. Nunca fui ministra. Mas represento a renovação. Os outros representam o *statu quo*.”

Baerbock era até pouco tempo desconhecida do grande público da Alemanha, e até dentro do seu partido, apesar de ter ganho dimensão quando participou nas conversações para um governo de coligação “Jamaica”, assim chamado pelas cores da bandeira (negro dos democratas-cristãos, amarelo dos liberais, e verde), que falharam quando os liberais se retiraram.

Não era um nome especialmente referido nas bases do partido quando resolveu arriscar e concorrer à liderança, quando se sabia que Robert Habeck, tido por ninguém menos do que “a cara” dos Verdes para os próximos anos, segundo Joshka Fischer, iria também concorrer. Porque é que foi uma



ousadia? Porque os Verdes têm o seu critério para a liderança dual: além de serem sempre um homem e uma mulher, um é sempre de uma das alas (moderada ou radical) e o outro da outra. Baerbock decidiu “que se lixe” (foram estas as palavras, segundo disse um amigo num artigo da revista britânica *New Statesman*) e avançou mesmo, sendo Habeck da mesma ala que ela, a moderada. Habeck teve muito mais votos, como seria de esperar, Baerbock ficou em segundo, mas fez história no partido: pela primeira vez, os dois representam a mesma tendência.

Na altura, Baerbock anunciou que não estava ali para ser “a mulher ao lado do Robert”. E logo se viu que falava a sério, quando em 2019, na reeleição, Baerbock conseguiu mais votos do que Habeck, com

uns impressionantes 97,1% (Habeck obteve 90,4%). Tinha-se transformado na favorita do partido.

A decisão sobre qual dos co-líderes iria concorrer a chanceler foi tomada pelos dois. Habeck decidiu retirar-se, o que já era esperado, tendo em conta que se trata de um partido com o feminismo no ADN e ainda olhando às qualidades de Baerbock: conhecimento profundo dos dossiers, domínio das áreas, nervos de aço. “É verdade que se poderia chegar mais alto com Habeck [as sondagens davam-lhe melhores números antes da escolha], mas há sempre um risco”, dizia um consultor dos Verdes ao *Financial Times*. Habeck também é conhecido pelo potencial para *gaffes*. “Annalena está sempre a trabalhar, está sempre preparada, sabe o que fazer.”

A jornalista do *Tagesspiegel* Anna Sauerbrey comentava como os jornalistas viram Baerbock transformar-se. “Nos bastidores, ela foi sempre tendo conversas com jornalistas. Se não conhecia bem um assunto, já o dominava da vez seguinte. Foi possível vê-la crescer”, descreve.

Tem outra grande qualidade – a vontade de ir a locais onde não a esperam os tradicionais apoiantes dos Verdes. No seu livro, Ulrich Schulte comenta como Baerbock se juntou a sindicatos ou mineiros na região de Lausitz, discursou na Fundação Konrad Adenauer na comemoração dos 75 anos da CDU (o partido democrata-cristão de Angela Merkel), ou na Associação Nacional de Indústria. “Aí recebeu aplausos tão fortes que até o [jornal] conservador *Die Welt* se dizia espantado que tivesse marcado pontos em terreno hostil”, assinala Schulte.

Schulte pensa que a própria Merkel simpatiza com Baerbock, com quem partilha a aptidão para conhecer os dossiers em profundidade – o que faz com que sejam

criticadas pela lentidão em decidir – observando-se que por vezes, no Parlamento, a chanceler chama a deputada dos Verdes e ficam um pouco a conversar numa fila de trás do hemiciclo.

Baerbock defende que a mudança verde não pode ser feita à custa da criação de problemas sociais. Foi assim que comentou as manifestações dos “coletes amarelos” em França, inicialmente motivadas por um plano de subir o preço do diesel que era fundamental para muitos. E é isso que responde a cada pergunta que lhe fazem sobre a dicotomia economia mais verde/postos de trabalho. A economia verde é mais igualitária, diz, advogando formação para quem ficar desempregado por extinção de postos de trabalho no seu sector e garantindo que o investimento verde vai trazer emprego.

Na paisagem política alemã, Baerbock – uma mulher jovem, com duas filhas e relativamente pouca experiência política – é uma opção mais “aventureira” para os eleitores, observou Helene Bubrowski, jornalista de política no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, citada pela CNN. Os eleitores alemães “não são muito aventureiros”, acrescentou.

Para Baerbock, o primeiro passo para o salto já foi dado. Mais uma vez, a comparação com os saltos em trampolim é adequada. Como disse a candidata à revista *Stern*: “A cada salto novo que se aprende não se sabe se se vai aterrar de pé, de cabeça, ou o que for. Uma pessoa tem de se saber avaliar extraordinariamente bem, conhecer as suas fraquezas, os seus limites.”

Para a jornalista Anne Sauerbrey, a questão já não é se Baerbock está preparada para ser chanceler, mas sim se a Alemanha pouco aventureira está preparada para uma chanceler Baerbock.

ANNEGRET HILSE/REUTERS



LEON KUEGELER/REUTERS



# A intolerância cultural e a ditadura do politicamente correcto

**Ensaio** Para um liberal, o mercado livre não é apenas um conceito que se aplica à dimensão económica da sociedade. Ele também se aplica à sua dimensão política e intelectual

Por João Miguel Tavares



**1** Num dos últimos filmes de Clint Eastwood, *Correio de Droga* (2018), há uma cena em que a personagem por si interpretada, Earl Stone, pára à beira da estrada para ajudar uma família afro-americana com um pneu furado. O diálogo que se estabelece é este:

Mulher: Obrigada.

Earl: Como é que estão?

Mulher: Nada bem. Temos um pneu furado.

Earl: Um pneu furado?

Mulher: Sim. O meu marido não é habilidoso e...

Earl (para o marido): O seu pai não lhe ensinou a mudar um pneu?

Marido: Não. Por isso, ia ver como é na Internet. Mas não tenho rede.

Earl: É o problema desta geração. Não conseguem abrir uma caixa de fruta sem ir à Internet. Querem ajuda? Eu ajudo.

Marido: Está bem.

Earl: Tire o pneu e resolvemos isso.

Mulher: Sim, anda.

Earl: O pneu está aí, continue.

Marido: Certo.

Earl: Ora aí está. É bom poder ajudar pretos.

Mulher (estupefacta): “Pretos”? Já não se diz isso.

Marido (embaraçado): Pois, preferimos “negros”.

Mulher: “Negros” ou só “pessoas”.

Marido: Eu sou negro, o senhor é branco.

Earl: Não diga... (No original: “No shit...”)

Marido: Digo. (No original: “Yeah, no shit.”)

Earl (ri-se): Certo. Vou dar-lhe uma ajuda.

Quando vemos esta cena, podemos facilmente supor que aquela família já ali está há algum tempo. O marido encontra-se numa parte mais elevada do terreno, a tentar apanhar rede, para descobrir como se muda um pneu. A mulher está com aquele ar enfasiado que temos quando as coisas não estão a correr bem.

Podemos imaginar que outros carros passaram por ali sem parar, alguns deles conduzidos por pessoas atentas à linguagem inclusiva – gente bem-educada, que sabe que não se diz “preto” mas “negro”. Outras não pararam por estarem com pressa, outras por estarem distraídas, outras ainda por desconfiarem de quem não conhecem.

Quem parou foi Earl Stone, a personagem interpretada por Clint Eastwood, um veterano da Guerra da Coreia, correio de droga para um cartel mexicano, octagenário, reaccionário, alegado racista, que ofende aquela família com linguagem desadequada enquanto a ajuda a mudar o pneu.

Agora recuemos dois mil anos. Permitam-me citar um pequeno excerto de uma outra história, também muito popular.

Capítulo 10 do Evangelho de Lucas, segundo a tradução de Frederico Lourenço:

“Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu entre salteadores que, depois de o despirem e espancaram, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, compadeceu-se. Aproximando-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No →

dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro e disse: “Trata dele e, o que gastares a mais, eu to pagarei quando voltar.” Qual destes três terá sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?”

Esta é, como sabem, a famosa parábola do Bom Samaritano. Como explica Frederico Lourenço a seu propósito - e estou a citar -, “é preciso não esquecer quanto os levitas eram respeitados na sociedade judaica do tempo de Jesus e quanto os samaritanos eram odiados e vistos pelos judeus como ‘raça rafeira e apóstata’”.

Ao longo dos últimos dois mil anos, os samaritanos ganharam boa fama graças ao magnífico golpe de relações públicas de Lucas, mas naquele tempo eram a classe mais desprezada do Reino de Judá. Samaritanos e judeus odiavam-se mutuamente, como é próprio dos vizinhos que discordam há séculos por motivos políticos e religiosos cujas origens já ninguém recorda.

O bom samaritano tinha todas as razões para odiar aquele judeu que estava caído por terra, e se ele não estivesse prostrado e meio morto, e pudesse exprimir as suas opiniões sobre política e sobre religião, é provável que o odiasse mesmo.

Mas, naquele momento, como escreve Lucas, o bom samaritano “compadeceu-se”. Reparem como no texto não há nenhuma outra palavra, nenhuma outra razão para aquele gesto de generosidade, nenhuma outra justificação: “Vendo-o, compadeceu-se.” Simplesmente isso.

E não é preciso mais.

Se dois mil anos depois o texto de Lucas ainda estivesse protegido pelos direitos de autor, Clint Eastwood teria de pagar alguns denários ao terceiro evangelista, porque a cena do filme que citei é um decalque evidente da parábola do Bom Samaritano. A diferença é que Earl Stone não pertence a uma velha tribo desprezada de Israel, mas à mais moderna tribo dos racistas e dos reaccionários.

Quando o informam de que já não se diz “preto”, mas sim “negro”, ele responde a rir “No shit...”, e nós ficamos com a sensação de que aquela informação lhe entrou por um ouvido e saiu pelo outro, e que ele se está bem nas tintas para isso.

Esta cena de *Correio da Droga* é uma provocação em forma de pergunta: pode um homem com preconceitos racistas ter um gesto de generosidade para quem não tem a sua cor da pele? Pode um racista ajudar uma família de negros?

Qualquer pessoa sensível à complexidade do mundo e à complexidade dos seres humanos responderá, obviamente, que sim. Sim, é possível.

O problema da intolerância cultural e do politicamente correcto é, em primeiro lugar, este: simplifica tudo. Reduz a riqueza dos homens à linearidade cega de uma matriz predefinida. É uma máquina trituradora da complexidade do mundo. É uma máquina que descontextualiza, que dissocia palavras de intenções, que equivale a linguagem aos actos, que reduz tudo a uma literalidade indigente.

Como nos prova a personagem de Clint Eastwood, ou a parábola do Bom Samaritano, as palavras e as crenças são muito menos relevantes do que os gestos e as acções.

O politicamente correcto é uma deriva puritana oriunda da esquerda, mas que não deixa de ser menos puritana por causa disso.

Os devotos do politicamente correcto são ateus a entrarem na igreja pela porta dos fundos. São as novas beatas do século XXI.

E aos beatos de esquerda de 2021 temos de dizer o mesmo que dizíamos aos beatos de direita de 1951: tira as mãos da minha consciência. Tira as tuas unhas das minhas palavras. Não tens absolutamente nada que ver com aquilo que se passa na minha cabeça, nem com os meus preconceitos “sistémicos”, nem com as minhas taras, nem com os meus fetiches, enquanto eles pertencerem apenas ao meu mundo mental.

São os gestos que contam.

São as acções que eu pratico.

É isso que define aquilo que eu sou e que cada um de nós é.

É o pneu que eu ajudo a trocar na estrada. Não é a palavra “preto”.

(Embora, naturalmente, a palavra “preto” não possa ser usada de forma gratuita à frente do nome de uma deputada numa notícia da Lusa.)

**2** Para um liberal, o mercado livre não é apenas um conceito que se aplica à dimensão económica da sociedade. Ele também se aplica à sua dimensão política e intelectual.

Ou seja, é essencial que exista um mercado de ideias livre e pujante, onde cada um possa ir buscar a ideologia com a qual se identifica, ou procurar argumentos para solidificar as suas convicções. Esse mercado deve ser tão vasto e tão aberto quanto possível, pela simples razão de que o velho Deus ontológico e cosmológico morreu entre os séculos XIX e XX, e as grandes narrativas que ambicionavam explicar o mundo e encontrar uma teleologia para a existência humana fracassaram entre Auschwitz e o Gulag.

A maneira que temos de impedir, nas democracias liberais, os cidadãos de rumarem para lugares políticos indesejados não é através da colocação de barreiras ou de cordões sanitários ou da vigilância das palavras - é através do confronto de ideias e de projectos, e da nossa capacidade para defender os méritos do liberalismo face ao iliberalismo.

Quem acha que a política só pode ser uma coisa, ou que aquilo que fica de fora do nosso palato deve ser proibido de ser empratado, tem um grave problema de fundamentação filosófica: Porquê? Porque é que tem de ser assim? Porque é que as tuas ideias políticas são melhores do que as minhas? A que Deus ou a que Rei ou a que autoridade superior vais tu buscar os fundamentos últimos para silenciar certas ideias ou propor a sua remoção do espaço público? Onde está esse Deus?

Repito: Onde está esse Deus?

Onde está a segurança inabalável dos primeiros princípios?

Não está.

Não há.

Aquilo que nos resta, para citar o filósofo e político italiano Gianni Vattimo - um nome caro à esquerda radical -, é um “pensamento débil”, fragilizado pelo fim das grandes narrativas, e que é uma consequência natural da pós-modernidade.

Exactamente por jamais podermos saber para onde vai a humanidade, e por ser impossível prever o futuro e os desafios que ela encerra, é que a liberdade de pensar e de falar é tão importante.

É a atenção que cria o mundo: as pessoas que reparam em coisas diferentes de mim, e



MIGUEL MANSO



### Debate

João Miguel Tavares a falar sobre o politicamente correcto no 3.º colóquio do Movimento Europa e Liberdade, em Lisboa (em cima), em que defendeu que “as desigualdades de classe (especialidade do PCP) são muito menos apelativas para uma juventude politicamente motivada do que as desigualdades identitárias (especialidade do Bloco)”. Em baixo, Jerónimo de Sousa e Catarina Martins, líderes daqueles partidos

que pensam de forma diferente do que eu penso, constroem um mundo diferente do meu - e isso enriquece-nos a todos.

A tensão entre esquerda e direita é uma tensão positiva, que mantém vivo o mercado das ideias, e que permite encontrar novas soluções para os desafios do presente.

Essa tensão tende, como a própria palavra indica, a ser tensa - mas antes tensa do que morna e do que morta, porque as democracias estiolam quando não são desafiadas, e só uma visão muito distorcida do que é o confronto político pode acreditar que precisamos de viver num mundo acolchoado e consensualizado, como aqueles casamentos aborrecidos onde cada gesto do cônjuge é tragicamente previsível.

Nos dias de hoje, o grande problema da

MIGUEL MANSO



as opiniões do Outro, para além de um sentimentalismo bacoco e de uma vitimização crescente, baseada nos argumentos infantis do “ele está a ofender-me”, “ele está a microagredir-me” ou “ele está a invadir o meu espaço de segurança”.

Quando olhamos para a tradição judaico-cristã que enforma a nossa civilização, ela diz-nos essencialmente duas coisas.

Em primeiro lugar, diz-nos que cada ser humano é sagrado. Há essa ideia radical, criada pelo cristianismo, de que Deus se fez homem, e, portanto, de que há uma unidade orgânica entre o humano e o divino. Lucas, mais uma vez, resume a ideia de forma poeticamente perfeita: “Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados.”

É evidente que a civilização que nós construímos raramente está à altura de tão alto desígnio, mas não vejo como seja possível não reconhecer quão extraordinária é esta reinvenção do homem enquanto reflexo de uma imagem de Deus - e, nesse sentido, a ideia de que toda a violência injusta sobre o ser humano é uma forma de blasfémia.

Em segundo lugar, a tradição judaico-cristã diz-nos também, de forma obsessiva, que não devemos orbitar à volta do nosso umbigo, que é aquilo que qualquer pai decente passa o tempo todo a dizer aos seus filhos - tu não és o centro do mundo.

É a relação com o próximo que sacraliza. Não somos nós que devemos sacralizar-nos a nós próprios. Uma vida solipsista, centrada apenas no interesse próprio, nas nossas preocupações ou nos nossos prenomes favoritos, é um caminho de perdição.

Esta auto-sacralização, a que damos o nome de egoísmo ou de narcisismo, é tradicionalmente encarada em termos de poder e de ambição. Somos avisados acerca dos perigos da ganância e da cupidez.

Mas a vitimização constante; os supostos alvos não de murros violentos no nariz mas de palavras desagradáveis nos ouvidos; os sofrendores não de injustiças concretas mas de agressões “estruturais”; esses mártires das palavras infelizes não deixam de padecer do mesmo solipsismo e da mesma auto-sacralização, promovendo a construção de uma nação de vítimas, para citar o título do famoso livro de Charles J. Sykes.

Viver numa nação de autoproclamadas vítimas é uma desgraça. É elevar o queixume a hino nacional.

**3** Esta postura precisa de ser combatida - e isso é óbvio.

Mas, já agora, também precisa de ser compreendida - e isso é menos óbvio.

Quando paramos para pensar porquê, porque é que à nossa volta emerge uma juventude obcecada pelas palavras e pela fragmentação identitária; porque é que estando nós a viver no mundo mais justo e igualitário de sempre parece que nunca houve tanta homofobia, tanto racismo sistémico, tanta injustiça de género, e tanto desejo de silenciar quem não se encaixa nos elevados desígnios que nós estabelecemos para a sociedade; quando nos sentamos a reflectir porque é que isto acontece e com tanta intensidade, há problemas que surgem e que são muito menos despropositados do que as soluções pronto-a-vestir e pronto-a-comer que os guerreiros da justiça social nos querem servir.

Escolho apenas um desses problemas para concluir este artigo, por me parecer que ele é poucas vezes tido em conta.

Esse problema chama-se tédio, e, de certo modo, é um alastramento burguês do *spleen* baudelaireano, que 150 anos depois desceu da aristocracia europeia e espalhou-se por toda a classe média.

É um aborrecimento, um tédio existencial, que deriva não da falta de bens materiais essenciais, mas de uma falta de sentido e de perspectiva de futuro.

Se os marxistas tivessem lido Dostoiévski com alguma atenção, e em particular as *Memórias do Subterrâneo*, saberiam que as utopias estão condenadas ao fracasso, e que sempre que se insiste politicamente na sua materialização todas as utopias tendem para a violência.

O ser humano não suporta o aborrecimento da perfeição. As pessoas ficam perdidas quando lhes tiram razões para lutar e para se sentirem socialmente úteis, e são dadas a pulsões destrutivas. Preferem o caos ao tédio. A excitação do inesperado a uma qualquer felicidade terrena supostamente garantida.

Os consultórios de psicologia, de psiquiatria e de psicanálise estão cheios, e estão aí para testemunhar a desconexão entre felicidade e bem-estar económico. A infelicidade dos ricos e dos famosos, que enche tantas páginas das revistas cor-de-rosa, apenas reforça os dados que encontramos nos mais recentes relatórios da ONU: os níveis de felicidade estão, de um modo geral, a diminuir em todo o mundo, apesar do crescimento económico contínuo.



*A maneira que temos de impedir, nas democracias liberais, os cidadãos de rumarem para lugares políticos indesejados não é através da colocação de barreiras ou de cordões sanitários ou da vigilância das palavras - é através do confronto de ideias e de projectos*

Aquilo que Fukuyama não terá previsto quando anunciou o fim da História e a vitória definitiva das democracias liberais é precisamente o quanto a morte das grandes narrativas em sociedades prósperas e pacificadas deixaria um vazio tão difícil de preencher.

As mais descabeladas tontices identitárias são, se fizermos algum esforço de empatia, uma resistência ao niilismo e uma procura desesperada de sentido e de razões para uma vida significativa. Os motivos por que o Partido Comunista parece hoje menos *sexy* do que o Bloco de Esquerda tem precisamente que ver com isso: numa sociedade que não cresce há 20 anos, mas que à boleia de Bruxelas mantém níveis de prosperidade razoáveis, as desigualdades de classe (especialidade do PCP) são muito menos apelativas para uma juventude politicamente motivada dos que as desigualdades identitárias (especialidade do Bloco).

Só a burguesia é microagredida. Os verdadeiros pobres continuam a ser macroagredidos, ontem como hoje, independentemente de serem brancos, negros, cisgénero ou homossexuais. Mas hoje os verdadeiros pobres são uma minoria.

Como sempre aconteceu no espaço público, desde que o espaço público foi inventado, somos burgueses a falar para burgueses, privilegiados a falar para privilegiados sobre as razões do privilégio. Não há pobres a ler este jornal, nem são os pobres que deixam comentários no *site* do PÚBLICO.

Mas é verdade que há um outro tipo de pobreza a crescer, e que sustenta muitos dos desvarios da intolerância cultural e do politicamente correcto - uma pobreza de sentido para a vida dos habitantes das sociedades desenvolvidas do mundo ocidental, que decorre, em boa parte, da vitória das democracias liberais e da construção de um Europa pacificada, e do tédio que deriva da ausência de conflitos catastróficos.

Estamos em 2021. Há 21 anos que este século não vê uma guerra na Europa. Não aconteceu assim no início do século XX, com a Primeira Guerra Mundial. Não aconteceu assim no início do século XIX, com as guerras napoleónicas. Nem no início do século XVIII, com a guerra de sucessão espanhola, que se estendeu da Europa à América. Nem no início do século XVII, com a guerra dos Trinta Anos. E assim sucessivamente, até ao início dos tempos, ou pelo menos dos tempos com memória histórica.

Pergunto-me se temos consciência da extraordinária originalidade deste facto. A actual obsessão com o passado deriva da monotonia do presente, atravessada por uma falta de sentido político e existencial.

Há demasiada gente perdida que está erradamente convencida da sua auto-suficiência e da excelência dos seus sentimentos.

Essas pessoas estão enganadas, e se não acreditam em mim, que ao menos vejam os filmes do velho Clint Eastwood, porque ele percebeu isso há muito tempo e muito bem.

política portuguesa não é o radicalismo dos seus extremos - é o conformismo do seu centro.

Aquilo de que nós precisamos, e não temos, nem sequer como desejo, é de um radicalismo de centro, ou de um centrismo radical.

Este não é o sítio certo para desenvolver o que é que isso significa, mas é o sítio certo para recusar que a democracia seja uma flor delicada e frágil, capaz de ser assassinada pela mordedura do primeiro vento cortante que surja, ou que os cidadãos sejam meras ovelhas que devem ser protegidas - não se percebe bem por quem - dos pastores autocráticos.

A liberdade voltou a ter demasiados inimigos, uns porque temem que ela caia na “libertinagem”, outros porque temem que ela invada os seus “espaços de segurança”.

“A minha liberdade” - diz-se agora muitas vezes - “termina onde começa a liberdade do outro.”

É tão bonito, não é? Não, não é.

Essa frase não faz qualquer sentido, porque a liberdade não tem peso, nem ocupa espaço. Ela não se divide em quintas que obrigam a tocar à campainha do vizinho.

Como escreveu George Orwell num prefácio de *A Quinta dos Animais*:

“Se a liberdade significa alguma coisa é o direito de dizer às pessoas o que elas não querem ouvir.”

Existe o direito de não ser caluniado. Existe o direito de não ser injuriado. Existe o direito de não ser difamado (e incluo aqui chamar “bandidos” a pessoas anónimas e vulneráveis do Bairro da Jamaica). Não existe o direito de não ser ofendido.

O problema inultrapassável da intolerância ou da hiper-susceptibilidade cultural é que não existe qualquer sustentação para calar

**Este texto foi originalmente apresentado no 3.º colóquio do Movimento Europa e Liberdade, que decorreu a 25 e 26 de Maio, em Lisboa, num painel intitulado “A intolerância cultural e a ditadura do politicamente correcto”**

# O *skate* ajuda a sonhar num bairro onde “os pais desistem muito cedo dos filhos”

Como uma prática discriminada em Moçambique está a servir de instrumento de inclusão para crianças e jovens do bairro do Khongolote, na Matola, arredores de Maputo. Tudo por culpa do homem que construiu um *skatepark* no seu quintal: Francisco Vinho.

Por **António Rodrigues** texto e **Paulo Pimenta** fotografia, enviados especiais a Moçambique



**F**olami Vinho caiu com um esgar de dor. Magrinho e de aspecto frágil, movimenta-se com confiança, mas como todo o praticante deste desporto radical sabe que as quedas são inevitáveis. O mesmo sabe o pai. Francisco Luís Vinho, 40 anos – o homem que conseguiu concretizar a ideia (alguns diriam “maluca”, outros “visionária”) de construir um *skatepark* no seu quintal e criar um projecto de educação num dos bairros mais problemáticos da Matola, cidade satélite de Maputo –, olha com atenção para o filho no chão que inspecciona o cotovelo.

Francisco Vinho tem experiência suficiente para diferenciar à distância as lesões graves das marcas ligeiras no corpo e feridas no orgulho, tão comuns quanto necessárias no processo de aprendizagem de um *skater*. Depois de uns segundos de tensão no corpo e de perscrutação à distância, descontrai-se e sem dei-





xar de espreitar os movimentos do filho, volta à habitual postura de observador participante em tudo aquilo que se passa no seu quintal.

“Ele podia ter saltado” e evitado a queda, mas “quis fixar o *skate*”, explica. “À medida que vão evoluindo, têm vontade de arriscar mais e sou eu que lhes tenho de chamar a atenção para irem mais devagar.”

Maputo Skate é um projecto de intervenção social que associa a prática do *skate* à educação e ao empoderamento de crianças e jovens do bairro de Khongolote, onde o crime e as drogas são mais comuns e mais incentivadores do que o frágil sistema de ensino moçambicano. Muitas das 105 crianças deste segundo programa *skate*-educação são iletradas, apesar de frequentarem a escola.

José conduz o *skate* com destreza e coragem, apesar da frágil estatura não corresponder aos 14 anos que tem. Não sabe ler, nem escrever e tem muita dificuldade em comuni-

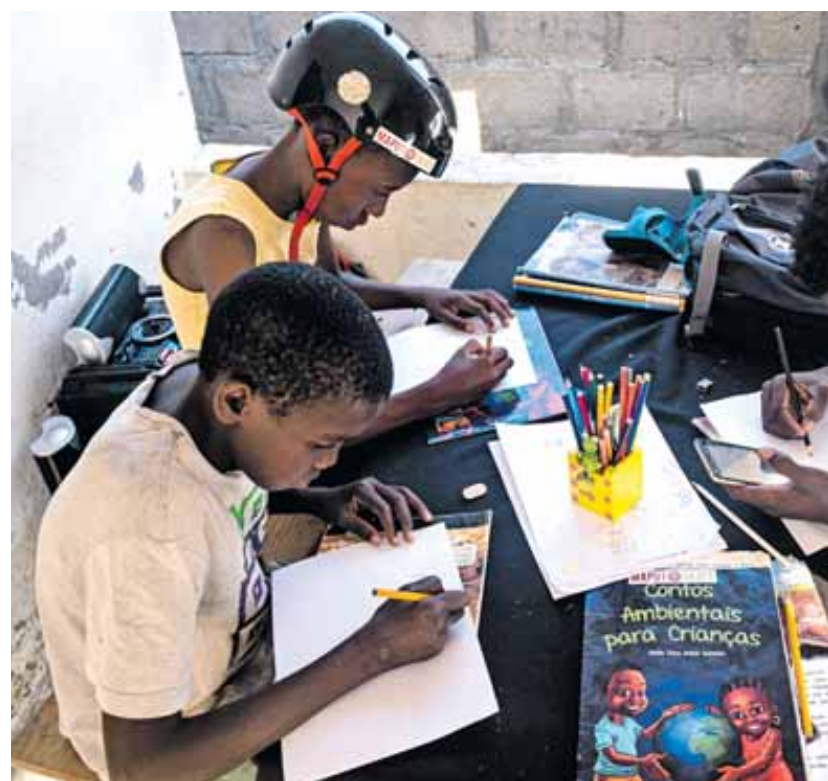


car em português. Ao PÚBLICO consegue apenas dizer que andar de *skate* “é muito bom”, que não tem medo e que nem se lembra há quanto tempo pratica.

A relação dele com o projecto começou com um crime, furtando o telemóvel a um dos construtores do *skatepark*. O produto do roubo acabaria por ser recuperado e, para o aceitar no projecto, Francisco Vinho fez-lhe ver que teria de cumprir as regras e aprender a ler e a escrever.

José aceitou. Ainda não está totalmente integrado e os seus movimentos ainda são individualistas, desenhados por quem aprendeu desde muito cedo a safar-se por si próprio e a desconfiar dos outros. Como quem duvida instintivamente do altruísmo, mesmo que não faça a mínima ideia de que a palavra exista.

“Pedi a um vizinho que desenhe um programa pedagógico para ver se até ao final do ano ele consegue aprender”, conta Francisco Vinho. “[Também] já lhe disse para não →



ter vergonha e aceitar a ajuda dos outros [no que toca ao conhecimento das letras].” O activista quer “garantir que os alunos saibam ler, escrever e fazer operações de somar, diminuir, multiplicar e dividir”, ao mesmo tempo que aprendem as manobras no *skate*.

### Ilha de abrigo

O *skate* não é um fim em si próprio no projecto e o seu criador está sempre a lembrar isso a todos os que se inscrevem – foram mais de 130 no primeiro ano, reduzidos para 105 este ano por limitações de equipamento: *skates*, capacetes, joelheiras e cotoveleiras são todos partilhados.

“O *skate* é apenas uma base de atracção”, uma espécie de ilha de abrigo num bairro “onde não há um único local para as crianças fora de casa”, onde as “condições de vida são muito precárias e os pais desistem muito cedo dos filhos”.

“Nós incentivamos muito a escola e eles fazem um esforço mesmo”, acrescenta Francisco Vinho. “O objectivo é conseguir mudar a vida destas crianças através do *skate*. Há crianças que estavam desmotivadas, que não tinham sonhos, este projecto tem-lhes dado a esperança de que podem ter uma vida muito melhor”, acrescenta.

Francisco Vinho acredita nisso, porque lhe aconteceu. Começou a usar o *skate* tarde na sua vida, em 1999, num país sem qualquer tradição e onde os *skaters* eram discriminados. Primeiro como “um brinquedo”, um ano depois, já mais a sério. Apanhou um livro na biblioteca e a partir daí desenvolveu a sua paixão.

“Não havia lojas, nem pistas. Ninguém me ensinou, fui aprendendo sozinho, a ver filmes e vídeos”, conta. Criou o Maputo Skate com o irmão mais velho e mais seis pessoas como movimento, mas ainda sem âmbito social. “Devido à discriminação que sofria o *skater* em Moçambique, senti necessidade de agregar um valor para mostrar que o ‘skatista’ não é marginal”, explica Francisco Vinho, licenciado em Informática pela Universidade Eduardo Mondlane.

Parte do dinheiro injectado no Maputo Skate vem directamente da sua empresa de informática, são “os fundos que garantem as

### O *skate* é uma arma

Francisco Vinho (sentado na página anterior) criou uma série de regras a cumprir na Maputo Skate, uma delas é de que todos têm de estudar. E sonha ter um dia uma escola secundária com o *skate* no centro e que inclua no currículo a fotografia, o vídeo, a moda, a projecção de pistas. Sempre com a ideia do empoderamento dos jovens

“*Conseguem perceber que não são só os da cidade, os de determinada cor, os que têm mais condições que conseguem fazer as coisas – que eles também podem. Percebem que essas distinções não são importantes e que é tudo uma questão de oportunidades*”  
Francisco Vinho

condições mínimas para o projecto se manter”, o resto tem de ser angariado. “Ainda é muito pouco. Gostava de ter doadores a longo prazo para montar todo o programa.” Tem-no na cabeça e inclui fazer mais visitas de estudo, por exemplo. “Vamos fazendo o que posso. Se os apoios vierem, vieram, mas as coisas não podem parar”, sublinha.

### Olímpico

E o que pode já é imenso. Um dos seus alunos, Noel Cossa, de 18 anos, está quase a chegar a profissional. Já participou em competições em Angola e na África do Sul. E o trabalho de Francisco Vinho está prestes a ser reconhecido pela Federação Moçambicana da Patinagem. Agora que o *skate* se transformou em modalidade olímpica (com estreia nos Jogos de Tóquio), a federação quer convidá-lo como responsável nacional.

É uma consequência do bom trabalho e não um objectivo em si. Francisco Vinho olha para a situação mais como um novo degrau na direcção certa. “Vamos continuar a fazer como temos feito até agora, mas com o apoio deles na parte desportiva”, explica. Além disso, a maior visibilidade poderá trazer os tais mecenas permanentes que podem garantir o financiamento sustentado do projecto. Como aconteceu com a Wonders Around the World que ajudou na conclusão do skatepark de Khongolote, com a Skate World Better, que o criador do projecto começou a construir no seu quintal.

A nível pessoal, o seu sonho é ter um dia uma escola secundária que gire à volta do *skate* e que inclua a fotografia, o vídeo, a moda, a projecção de pistas, ou seja, tudo aquilo que gira à volta de um desporto radical que é também um estilo de vida. E uma forma de empoderamento e de promoção da igualdade de género: não só as raparigas são muito bem-vindas, e são 35 dos 105 alunos inscritos, como existe uma preocupação de lhes ensinar, além de tudo o mais, educação sexual, importante num país onde em 2017 cerca de três mil adolescentes deixaram a escola por causa da gravidez precoce.

São os próprios alunos que zelam para que as regras do projecto sejam cumpridas, como Cristina e Violeta, duas das *skaters*, de 15 anos,





dizem ao PÚBLICO. “Aprendemos a respeitar-nos uns aos outros”, refere Violeta, enquanto Cristina garante que “não há problema com os rapazes”.

As duas, como os seus colegas do sexo masculino, concordam que o projecto mostra um caminho diferente num bairro onde as direcções não apontam para futuros risonhos. Violeta diz que “incentiva os jovens a deixarem de se drogar”. Dulcídio, que é voluntário por ter mais de 18 anos (no primeiro ano mentiu quanto à idade para poder ser admitido), estudante do 10.º ano que quer ser engenheiro ou arquitecto, refere que muitos no bairro “se desviam do caminho e vão para as drogas”.

“O projecto é uma escola da vida. Aqui aprendemos tudo, como nos comportarmos, a não desistir dos nossos sonhos, sentimos motivação”, explica Dulcídio.

Folami, por seu lado, sublinha que o pai é “muito diferente dos outros”, tem “uma mentalidade diferente” e é tão empenhado que surpreendeu até os próprios filhos. “Ele estava sempre a falar que ia criar um *skatepark*, mas nós estávamos com dúvidas”, confessa. “É verdade”, concorda a irmã, Milofa, que aos nove anos passa mais tempo a desenhar logótipos do que no *skate*: “Ainda tenho um pouco de medo.”

Milofa admite, com um riso tímido, que nem ela, nem o irmão pediram ainda desculpa ao pai por terem duvidado dele. Os dois são agora participantes activos do projecto e trouxeram os seus amigos. “Acho muito fantástico, porque também brinco com os meus amigos ao mesmo tempo”, afirma Folami. Além disso, aproveita para aprender: “O que ele ensina aos outros eu também aproveito.”

Enquanto o sonho da escola secundária não se concretiza, Francisco Vinho mantém a sua filosofia de que não é por falta de meios para fazer tudo o que se quer que não se vai fazendo o que se pode com os meios que existem. Daí que já tenha reservado um espaço no *skatepark* para criar uma pequena biblioteca – um nicho de três metros de largo e um pouco mais de metro e meio de altura virado para o exterior, porque não é só para as crianças do projecto, mas para servir todo o bairro do Khongolote.

O *skate* pode ser apenas uma coreografia de crianças divertidas numa tarde de sábado na Matola ou ir mais além e transformar-se numa ferramenta de acção social. Francisco Vinho acredita que as duas não se anulam, antes se complementam.

“A auto-estima deles cresceu muito. Eram crianças com a motivação muito para baixo e agora estão sempre alegres. Aqui também têm acesso à Internet, podem ver vídeos no YouTube, aprender novos movimentos. Tudo isto abre-lhes a mente e ajuda na relação familiar”, explica.

Filhos de diplomatas já incentivaram os pais a levá-los até Khongolote para poderem experimentar o único *skatepark* de Maputo e arredores e estes não conseguiram andar como eles, algo que, para Francisco Vinho, permite “a descolonização da mente” destas crianças e adolescentes.

“Conseguem perceber que não são só os da cidade, os de uma determinada cor, os que têm mais condições que conseguem fazer as coisas – que eles também podem. Acabam por perceber que essas distinções não são importantes e que é tudo uma questão de oportunidades”, acrescenta. “São momentos como esses que têm impacto na vida deles”, assinala à laia de conclusão.

# A “turma” de miúdos do FC Porto que levou Portugal à



**V**inte e três rapazes juntaram-se para irem à Eslovénia jogar à bola. No Europeu sub-21, vestidos com as cores de Portugal, estes jogadores podem dar ao país o primeiro título nesta competição. Muitos deles têm “FC Porto” escrito nas testas.

Os seis jogadores mais utilizados neste Europeu foram formados no clube portista e jogam juntos há muitos anos. É uma selecção de miúdos, mas feita de “velhos” conhecidos.

Desde 2010 que é Rui Jorge (na fotografia em baixo) quem os escolhe. Desta vez, fê-lo sob a frase batida que diz que “em equipa que ganha

não se mexe”. E, quer no FC Porto, quer na selecção esta é uma “turma” de miúdos que ganha há muitos anos.

Paulo Virgílio, ex-motorista e roupeiro dos escalões de formação do FC Porto – e também pai, irmão, tio, conselheiro e o que mais quisessem dele –, conheceu-os a todos. Viu-os crescer e deu-lhes mimo. Como roupeiro, trabalhava, literalmente, com amor à camisola. E aos miúdos. Paulo Virgílio entra na perfeição no lote dos “rostos esquecidos” dos títulos nas equipas desportivas. Os que trabalham longe das câmaras, longe dos jornalistas e sem bola no pé. Aqueles que aparecem sempre nos agradecimentos dos craques e que ninguém conhece – mas eles existem. “Esta sua chamada dei-

xa-me de lágrimas nos olhos. É uma alegria poder falar dos meus meninos e choro de orgulho em vê-los terem sucesso no futebol sénior. Eu próprio transformo-me num menino a falar deles. Eu conheci-os com 10, 11, 12, 13 anos. Olhava para os olhos deles e já sabia se queriam uns calções ou umas meias. Via-os como filhos”, conta ao PÚBLICO sobre os jogadores que viu crescer. E, como qualquer pai, assume “uma felicidade extrema pelo sucesso deles”.

## “Estive a noite toda sem dormir por culpa deles”

Nesta selecção, Vítor Ferreira – “Vitinha”, para os amigos – tem sido, para muitos, o grande

destaque, secundado por Fábio Vieira, Daniel Bragança, Diogo Leite e Dany Mota. Destes cinco, Paulo Virgílio conhece três.

“O Vitinha era algo reservado, mas sempre muito bem-disposto e com um sorriso na cara. No campo, era uma categoria. Uma capacidade de passe e leitura de jogo fantásticas”, diz.

“O Fábio também era um craque. Aquele pé esquerdo era impressionante. Como pessoa, era mais rebelde e reguila. Detestava perder. Começava logo a falar alto, impunha-se e não gostava de ser picado. Ele tinha tão mau perder que chorava quando perdia, até mesmo nos treinos.”

Apesar do perfil irascível e dos predicados de líder, Fábio Vieira não é capitão da selec-

# C final

A selecção portuguesa de sub-21 pode conquistar hoje (20h) o primeiro título europeu neste escalão. Para tal, como no Euro 2004, muito contribui um núcleo do FC Porto, base que suporta esta equipa

Por **Diogo Cardoso Oliveira**



sempre foram o esteio da defesa do FC Porto e marcavam muita presença em campo. E têm uma grande proximidade extra futebol. São muitos anos a jogarem juntos e também nos estudos. Acabam por ser uma família dentro e fora de campo.”

Esta visão é corroborada por Paulo Estrela, outro ex-portista: “Eles começaram a jogar juntos desde os sub-15 e, com os passar dos anos, o conhecimento que têm uns dos outros ajuda muito. Sempre andaram muito juntos, principalmente o Dalot, o Queirós e o Leite. Essa amizade e cumplicidade nota-se também dentro de campo.”

Com jogadores juntos há tantos anos é natural que a cumplicidade provoque ganhos e perdas. Ganha a equipa, com as rotinas, perde o roupeiro, com as partidas de um grupo de malandros.

“Uma vez, num torneio na Alemanha, os meninos fizeram-me uma engraçada. Disseram-me: ‘O mister não nos deixa ligar para a família e quer que descansemos, por isso vamos deixar os telemóveis consigo durante a noite.’ Eu fiquei com os telemóveis no meu quarto, só que os putos puseram alarmes nos telemóveis todos. À meia-noite tocava um, 15 minutos depois tocava outro. Pouco depois, mais um. Estive a noite toda sem dormir e fiz uma directa por culpa deles”, conta, entre risos.

Terá sido também isto que Rui Jorge procurou ao manter a base do FC Porto: um grupo já unido e com um vasto passado de competições, viagens e estágios – é também por aí que se ganham provas de selecções, um pouco à imagem do que foi feito por Luiz Felipe Scolari em 2004.

À data, a selecção portuguesa tinha uma forte presença portista: além do meio-campo de Costinha, Maniche e Deco, totalmente do FC Porto, havia ainda os titulares Ricardo Carvalho e Nuno Valente, mais Paulo Ferreira, que dividiu a lateral direita com Miguel.

## A receita de Rui Jorge

Num país futebolístico como é Portugal, em que grande parte das crianças sonham ser Cristianos Ronaldos, fica muito estreita a porta que dá acesso ao topo. Na Eslovénia, na fase a eliminar do Europeu, estão 23 jogadores. Muitos outros ficaram a ver no sofá. Como escolhê-los? Rui Jorge usou como critério a tal preferência pela base do FC Porto, mas não só. Há outros jogadores com vários anos de selecções nacionais, muitos em comum com a base portista.

Se no momento de montar o “onze” é do FC Porto que Rui Jorge se socorre, na altura de procurar alternativas vem muito valor do Benfica e do Sporting. Florentino e Jota, do Benfica, têm sido “jokers” lançados pelo técnico, tal como Tiago Tomás (Sporting) e Abdu Conté (ex-“leão”, agora no Moreirense). Também o ex-Alcochete Rafael Leão, agora no AC Milan, e os benfiquistas Tomás Tavares e Gon-

*Se no momento de montar o “onze” é do FC Porto que Rui Jorge se socorre, na altura de procurar alternativas vem muito valor do Benfica e do Sporting. Florentino e Jota, do Benfica, têm sido “jokers” lançados pelo técnico, tal como Tiago Tomás (Sporting) e Abdu Conté (ex-“leão”, agora no Moreirense)*

çalo Ramos já somaram jogos a titular neste Euro.

Como conseguir esta base de recrutamento tão profunda? Tudo isto foi espoletado pela introdução das equipas B na II Liga, em 2012. Esta foi uma plataforma tremenda de evolução para os jogadores que ainda não tinham espaço nas equipas principais, mas que precisavam de um contexto competitivo profissionalizado.

É daí que vem grande parte desta selecção. Dos 23 jogadores presentes na Eslovénia, 19 passaram pela equipa B do clube onde terminaram a formação (as excepções são Tiago Tomás e Daniel Bragança, sem Sporting B na II Liga, e os “estrangeiros” Dany Mota e João Virgínia, que terminaram a formação fora de Portugal). Tal equivale a dizer que, apesar de jovens, estes 23 jogadores são atletas já com bastante rodagem no futebol profissional.

A já considerável experiência dos jogadores e os anos de selecção permitiram a Rui Jorge ignorar que, nesta equipa, estão vários atletas com parca utilização em 2020/21. À boleia de uma análise do jornalista António Tadeia, há a destacar que, na actual selecção sub-21, os jogadores têm, em média, 25 jogos na temporada. Há seis anos, Portugal perdeu uma final desta mesma competição, frente à Suécia. Nessa altura, os jogadores convocados tinham uma média de... 34 jogos.

Uma diferença abismal de contexto competitivo, à qual, no actual plantel, fogem, no máximo, meia dúzia de jogadores entre os 23 convocados – os que acumulam mais de 30 partidas na temporada e presenças assíduas nos “onzes” titulares.

Rui Jorge teve o clássico dilema dos seleccionadores: montar uma boa selecção (e nisso ajuda ter uma base já rodada) ou premiar os jogadores em melhor forma (Gonçalo Inácio, Tomás Ribeiro ou Rúben Vinagre ficaram de fora).

Mais do que o talento, o prémio aos melhores ou o ritmo competitivo, Rui Jorge quis uma verdadeira equipa, se possível com rotinas bem consolidadas há vários anos (esta foi a base da equipa campeã da Europa em sub-19, em 2018, e que já jogou várias competições jovens ao longo dos anos).

É nesse sentido que Diogo Costa, Diogo Leite, Diogo Queirós, Vitinha, Fábio Vieira, Gedson, Florentino ou Baró jogam muitos minutos mesmo tendo utilização intermitente nos respectivos clubes. O exemplo absoluto é Vitinha, porventura o melhor jogador de Portugal no Europeu, que no Wolverhampton só somou 23 jogos na temporada e apenas nove como titular.

Há quem diga que na selecção devem estar os melhores – ou os que estão melhor nesse momento – e quem defenda que na selecção nacional importa criar uma boa equipa, seja com que jogadores for. Rui Jorge preferiu a segunda via e, até ver, deu-se bem. Resta-lhe, hoje, em Ljubljana, apresentar a prova suprema.



ção. Esse é Diogo Queirós... também ele formado no FC Porto. “O Diogo era mais calmo. Não levava as coisas como o Fábio Vieira, ou, há alguns anos, o Jorge Costa, que eu também conheci, mas também sempre teve perfil de líder.”

Além de Vitinha, Vieira, Romário Baró e Francisco Conceição, o exemplo mais evidente do peso do FC Porto nesta equipa é o famoso grupinho dos Diogos – Costa, Dalot, Queirós e Leite –, quatro dos cinco titulares responsáveis por garantir que Portugal não sofre golos.

João Lameira, ex-colega de alguns destes craques, lembra que a base da defesa do FC Porto já vem de há vários anos. “Os Diogos

# Semana de lazer

Por **Sílvia Pereira**

lazer@publico.pt

## Teatro

### Castro “crioulizada”

Uma “crioulização” cénica de uma tragédia clássica do teatro português. Assim se apresenta *Kastrokriola*, uma adaptação da *Castro* escrita por António Ferreira no século XVI. Vem assinada pelo dramaturgo cabo-verdiano Caplan Neves e é interpretada por actores seus compatriotas. Resulta de uma residência artística dirigida por Nuno Cardoso, que encenou recentemente o texto original. Estreia-se no Porto, de onde partirá depois para uma temporada em Cabo Verde.



## PORTO

Mosteiro de São Bento da Vitória  
De 10 a 12 de Junho, às 19h.  
Grátis

## Teatro

### Acordar da invisibilidade

“Sempre que acordo tenho de lutar pela minha existência ao impô-la.” As palavras fazem parte da peça que Lara Mesquita escreveu e com a qual venceu a primeira edição do Prémio Nova Dramaturgia de Autoria Feminina. *Sempre Que Acordo* chega agora ao palco, na forma de uma conferência-performance, para falar da condição de ser uma mulher negra em Portugal, na pele de duas intérpretes: a própria autora e Cirila Bossuet. No mesmo dia em que se estreia, dá-se o regresso à cena de outra abordagem ao racismo estrutural, também premiada e igualmente apoiada em histórias de mulheres na primeira pessoa: a *Aurora Negra* criada e protagonizada por Cleo Tavares, Isabél Zuua e Nádia Yracema.

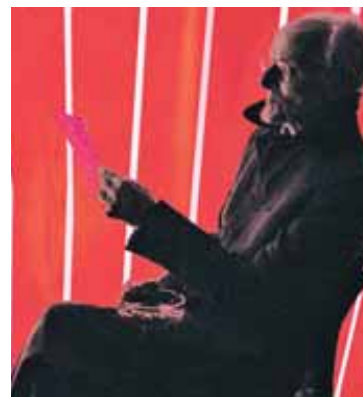


## Música

### FIME: um clássico de bons concertos

Começa na Viena clássica e termina no jazz americano de agora. O 47.º FIME — Festival Internacional de Música de Espinho alinha um total de 13 concertos, todos ao nível da diversidade e qualidade que lhe está na história. O primeiro está entregue à Orquestra Gulbenkian, que toca Haydn com o violoncelista-maestro Nicolas Altstaedt; o último, a China Moses, que herdou da mãe, Dee Dee Bridgewater, a tendência para o jazz e o eclectismo, e que vem cantar com a Orquestra Clássica de Espinho, sob a direcção de Diogo Costa. Entre eles, actuam vultos como Frank Peter Zimmermann, Jen Rondeau, Richard Bona, Jan Garbarek ou Bill Frisell.

**ESPINHO** Auditório de Espinho | Academia e Igreja Matriz (excepto o último concerto, na Casa da Música do Porto)  
De 11 de Junho a 24 de Julho (programa detalhado em [www.musica-esp.pt](http://www.musica-esp.pt))  
Bilhetes a 10€



## Festival

### Palavra de poetas (e músicos e actores...)

No início, era A Palavra, uma associação fundada há meses, com trabalho feito há anos. Agora, concretiza-se a sua primeira grande expressão pública: MAP — Mostra de Artes da Palavra. Não é só um festival de literatura, poesia ou *spoken word*. A ideia é celebrar e explorar a força performativa da palavra, numa abordagem pluridisciplinar que pode tocar esses campos, mas também outros como

música, fotografia, teatro ou até culinária. Ao longo de cinco dias, Oeiras enche-se de dezenas de actividades que vão dos debates, conferências e tertúlias até à projecção de filmes (na imagem, a *Autografia* sobre Cesariny, de

Miguel Gonçalves Mendes, que abre o festival), passando por espectáculos, exposições, *workshops* ou um autocarro a circular com poesia musicada. Alexandre Cortez, Ondjaki, Mallu Magalhães, Vítor Rua, Primeiros Sintomas, Maria do Rosário Pedreira, Luca Argel, Mynda Guevara, JP Simões, Tó Trips e Selma Uamusse são alguns dos participantes.

**OEIRAS** Vários locais  
De 9 a 13 de Junho (programa detalhado em [mapoeiras.com](http://mapoeiras.com)).  
Grátis



## Música

### Sobral com Sasseti no coração

É já uma tradição da associação Casa Bernardo Sasseti convidar um artista para, em Junho, mês do aniversário do pianista e compositor, levar a palco uma reinterpretação da sua herança musical. Desta vez, cabe a Salvador Sobral emprestar a sua voz a temas que Sasseti compôs. À homenagem juntam-se os arranjos de Luís Figueiredo, letras da irmã, Luísa, e um sexteto de cordas a acompanhar. Antes deste concerto em Lisboa, Salvador Sobral vai estar em Ílhavo, mas para cantar as suas próprias canções, no início da digressão motivada pelo recém-lançado álbum *bpm* (batimentos por minuto).

**ÍLHAVO** Casa da Cultura  
Dia 11 de Junho  
Bilhetes a 15€  
**LISBOA** São Luiz Teatro Municipal  
Dia 13 de Junho  
Bilhetes de 9€ a 17€



*Sempre Que Acordo*: LISBOA Centro de Artes de Lisboa  
De 10 a 13 de Junho. Quinta e sexta, às 20h30; sábado, às 11h e 16h; domingo, às 11h. Bilhetes a 8€  
*Aurora Negra*: LISBOA Teatro Nacional D. Maria II  
De 10 a 20 de Junho. Quarta a sábado, às 19h30; domingo, às 16h30.  
Bilhetes a 11€



**Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt**

## CINEMA

### Lisboa

**Cinema City Alvalade**

*Av. de Roma, nº100. T. 218413040*

**Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 11h25, 15h30 (V.P.); **Prazer, Camaradas!** M12. 17h30, 19h35; **Trolls: Tour Mundial** M6. 11h30 (V.P.); **Nomadland - Sobreviver na América** 17h55, 20h; **Minari** M12. 17h20; **O Pai** M12. 13h30, 15h40; **Caros Camaradas!** 13h15; **Cruella** M12. 15h20; **Tom e Jerry** M6. 11h15 (V.P.); **Raya e o Último Dragão** M6. 11h35 (V.Port./2D); **Quo Vadis, Aida?** M14. 15h25, 17h40; **Fantasma do Império** M12. 13h20, 19h40; **O Mauritano** M14. 19h50

**Cinema City Campo Pequeno**

*Centro de Lazer. T. 217981420*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 15h40, 17h40, 20h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 11h30, 15h40 (V.Port./2D); **Nomadland** 20h25; **Ninguém** M16. 13h25, 18h20; **O Pai** M12. 20h05; **Mais Uma Rodada** 20h20; **Cruella** M12. 13h10, 15h20, 17h35, 20h; **Tom e Jerry** M6. 11h25, 16h (V. Port./2D); **Raya e o Último Dragão** M6. 11h40, 15h30, 17h50 (V.Port./2D); **Um Homem Furioso** M16. 17h30, 20h20; **Spirit Invencível** M6. 11h20, 13h40, 15h45, 17h55 (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 11h40, 13h30, 15h25, 17h50, 20h10

**Cinema Ideal**

*Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295*

**As Mulheres Fazem Cinema** M16. 14h15, 20h30; **Be Natural - A História Nunca Contada de Alice-Guy Blaché** M12. 18h30; **Quo Vadis, Aida?** M14. 11h30, 16h30

**Cinemas Nos Alvaláxia**

*Estádio José Alvalade. T. 16996*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 10h45, 13h30, 15h40, 18h, 20h25; **Peter Rabbit**M6. 10h30, 13h10, 15h25 (V.Port./2D); **Spiral - O Novo Capítulo de Saw** M18. 19h; **Nomadland** 10h25, 13h45, 16h15, 18h50; **O Pai** M12. 11h20, 14h20, 17h, 19h50; **Godzilla vs. Kong** M12. 10h50, 13h55, 16h50, 20h; **Raparigas** M12. 17h05, 19h45; **Cruella** M12. 10h10, 13h15, (V.P., 16h30, 19h35 (V.O.); **Tom e Jerry** M6. 10h40, 13h05, 15h30, 17h50 (V.P.); **Sincronico** M14. 17h55, 20h20; **Tesla** M12. 20h15; **Um Homem Furioso** M16. 10h15, 13h20, 16h20, 19h25; **The Conjuring 3** M16. 10h15, 13h25, 16h25, 19h30; **O Mauritano** M14. 11h, 13h50; **Lassie de Volta a Casa** M6. 10h55, 13h30, 16h10

**Cinemas Nos Amoreiras**

*Av. Eng. Duarte Pacheco. T. 16996*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 14h, 16h20, 17h50, 20h30 ; **Peter Rabbit**M6. 13h, 15h10 (V.Port./2D); **Blackbird - A Despedida** M12. 19h40; **Nomadland - Sobreviver na América** 20h20; **O Pai** M12. 14h30, 17h10, 20h10; **Raparigas** M12. 13h20, 15h40, 18h; **Cruella** M12. 13h30, 16h30, 19h50; **Quo Vadis, Aida?** M14. 14h20, 17h, 19h20; **Um Homem Furioso** M16. 17h20, 20h; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h, 13h40, 16h

**Cinemas Nos Colombo**

*Av. Lusíada. T. 16996*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 13h, 15h25, 17h50, 20h20; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 10h40, 13h05, 15h30 (V.Port./2D); **Spiral - O Novo Capítulo de Saw** M18. 12h30, 14h50, 17h20, 19h40; **O Pai** M12. 18h05, 20h25; **Godzilla vs. Kong** M12. 20h05; **Cruella** M12. 11h10, 14h10 (V.Port./2D), 17h10, 20h10 (V.Orig./2D); **Tom e Jerry** M6. 10h30, 11h20 , 13h50, 16h10 (V.Port./2D); **Um Homem Furioso** M16. 14h, 17h, 19h50; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 12h40, 15h, 17h30, 20h; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h, 12h50, 15h10, 17h40; **Vingança Letal** M14. 13h50, 16h10, 18h30, 20h40; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. Sala IMAX - 10h45, 13h20, 15h40, 18h, 20h30



**Cinemas Nos Vasco da Gama**

*Parque das Nações. T. 16996*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 10h40, 13h30, 16h, 18h20, 20h40; **Peter Rabbit** M6. 10h50, 13h10, 15h30 (V.Port./2D); **Spiral - O Novo Capítulo de Saw** M18. 18h, 20h30; **Godzilla vs. Kong** M12. 20h; **Cruella** M12. 13h40, 16h40, 19h50; **Tom e Jerry** M6. 10h30, 13h, 15h50 (V.Port./2D); **Um Homem Furioso** M16. 19h30; **The Conjuring 3** M16. 11h, 12h10, 15h, 17h40, 20h20; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h15, 13h50, 16h20

**Nimas**

*Av. 5 Outubro, 42B. T. 213574362*

**Disponível Para Amar** M12.

20h30; **Marighella** M14. 15h30;

**O Pai** M12. 11h30; **Raparigas** M12.

18h30; **Dias Selvagens** 13h30

**UCI Cinemas - El Corte Inglés**

*Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400*

**Velocidade Furiosa 6** M12. 20h; **Marighella** M14. 14h55; **Um Lugar Silencioso 2** M14. 14h45, 16h25, 18h50; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 10h50, 14h40, 17h40 (V.Port./2D); **Blackbird - A Despedida** M12. 11h, 15h10; **Nomadland** 16h40, 19h20; **Ninguém** M16. 18h10, 20h25; **Minari** M12. 13h50, 16h35; **O Pai** M12. 11h30, 15h30, 18h, 20h20; **Estados Unidos Vs Billie Holliday** M14. 14h15, 19h35; **Mais Uma Rodada** 14h30, 17h10; **Raparigas** M12. 11h05, 14h25, 19h30; **Cruella** M12. 10h40, 13h45 (V. Port./2D), 13h40, 16h45, 19h40 (V. Orig./2D); **Tom e Jerry** M6. 11h20 (V. Port./2D); **Sincronico** M14. 10h30, 14h20, 17h, 20h05; **Quo Vadis, Aida?** M14. 10h55, 17h45, 20h10; **Um Homem Furioso** M16. 16h50, 19h55; **Spirit Invencível** M6. 11h, 14h, 16h15, 19h (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 11h25, 13h55, 16h30, 20h15; **O Mauritano** M14. 16h55, 19h45

### Almada

**Cinemas Nos Almada Fórum**

*Estr. Caminho Municipal, 1011*

*Vale de Mourelos. T. 16996*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 10h40, 13h, 15h20, 17h40, 20h; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 10h30, 12h50, 15h30(V. Port./2D); **Spiral - O Novo Capítulo de Saw** M18. 20h35; **Blackbird - A Despedida** M12. 18h, 20h15; **Nomadland - Sobreviver na América** 13h05; **O Pai** M12. 10h50, 13h20, 15h30, 17h45, 20h; **Godzilla vs. Kong** M12. 12h30, 14h50, 17h15, 20h05; **Raparigas** M12. 15h25, 17h40, 20h05; **Cruella** M12. 11h, 14h10 (V.Port./2D), 15h, 17h, 19h50 (V.Orig./2D); **Tom e Jerry** M6. 11h30, 13h50, 16h10, 18h20 (V. Port./2D); **Aqueles Que Me Desejam a Morte** M14. 17h40, 20h10; **Raya e o Último Dragão** M6. 10h30, 12h30, 15h (V. Port./2D); **Sincronico** M14. 17h35, 19h55; **Quo Vadis, Aida?** M14. 13h30, 17h55, 20h05; **Um Homem Furioso** M16. 10h35, 12h30, 15h, 17h30, 20h10; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 11h10, 12h40, 15h10, 17h50, 20h20; **O Mauritano** M14. 12h55; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h20, 13h40, 15h50; **Vingança Letal** M14. 15h40, 18h15, 20h25; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. Sala 4DX - 12h, 14h, 16h20, 18h30, 20h30

### Amadora

**Cinema City Alegro Alfragide**

*C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 11h35, 13h35, 15h45, 17h40, 20h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 11h25, 13h30, 15h45, 17h35, 20h30 (V.Port./2D); **Nomadland - Sobreviver na América** 15h15, 20h25; **Ninguém** M16. 20h15; **O Pai** M12. 20h40; **Godzilla vs. Kong** M12. 13h10, 15h25, 18h; **Uma Miúda com Potencial** M16. 20h25; **Cruella** M12. 11h30, 15h55 (V. Port./2D), 11h20, 15h20, 17h35, 20h (V. Orig./2D); **Tom e Jerry** M6. 11h40, 13h40, 15h40, 17h40 (V.Port./2D); **Raya e o Último Dragão** M6. 11h15, 13h, 15h20, 18h (V.Port./2D); **Um Homem Furioso** M16. 17h50, 20h05; **Spirit Invencível** M6. 11h35, 15h35, 15h50, 17h55 (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 15h15, 13h20, 15h30, 17h50, 18h30, 20h10; **O Mauritano** M14. 20h15

**UCIubbo**

*Venteira.*

**Velocidade Furiosa 6** M12. 20h; **Um Lugar Silencioso 2** M14. 13h40, 16h30, 19h40; **Peter Rabbit** M6. 11h20, 14h10, 16h35, 18h50 (V.Port./2D); **Ninguém** M16. 15h, 17h30; **Cruella** M12. 10h45 (V.Port./2D), 13h45, 16h40, 19h55 (V.Orig./2D); **Tom e Jerry** M6. 10h50, 14h05 (V.Port./2D); **Um Homem Furioso** M16. 16h10, 19h50; **Spirit Invencível** M6. 11h10, 13h50, 16h20, 19h20 (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 14h, 16h55, 20h10; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h, 13h30; **Vingança Letal** M14. 16h50, 19h30

### Barreiro

**Castello Lopes - Fórum Barreiro**

*Campo das Cordoarias. T. 212069440*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 13h15, 17h50, 20h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 11h, 15h50 (V.Port./2D); **Cruella** M12. 13h10, 15h10, 17h50, 19h50; **Tom e Jerry** M6. 11h (V. Port./2D); **Raya e o Último Dragão** M6. 11h (V.Port./2D); **Um Homem Furioso** M16. 13h, 20h; **Spirit Invencível** M6. 15h25, 17h20 (V. Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 13h25, 15h40, 18h,2 0h15; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h (V.Port./2D)

### Cascais

**Cinemas Nos CascaiShopping**

*Alcabideche. T. 16996*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 13h15, 15h40, 18h, 20h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 11h, 13h, 15h10 (V.Port./2D); **Spiral** M18. 17h40, 20h10 ; **O Pai** M12. 15h, 17h05, 19h15; **Godzilla vs. Kong** M12. 17h20, 20h; **Cruella** M12. 11h, 13h30 (V.Port./2D), 16h30, 19h30 (V.Orig./2D); **Um Homem Furioso** M16. 13h50, 16h50, 19h50; **The Conjuring 3** M16. 13h40, 17h, 19h40; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h, 12h55, 15h20; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. Sala IMAX - 13h05, 15h30, 17h50, 20h15 **O Cinema da Villa - Cascais**

*Avenida Dom Pedro I, CC. T. 215887311*

**Marighella** M14. 19h35; **Raparigas** M12. 13h50, 15h45, 17h40; **Cruella** M12. 14h50 (V. P.), 17h25, 20h (V.O.); **Raya e o Último**

**Dragão** M6. 11h (V.P.); **Quo Vadis, Aida?** M14. 14h50, 16h40, 18h40, 20h40; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h (V.Port./2D)

### Carcavelos

**Atlântida-Cine**

*R. Dr. Manuel Arriaga. T. 214565653*

**Nomadland** 17h45; **Minari** M12. 15h; **Quo Vadis, Aida?** M14. 15h, 17h45

### Sintra

**Cinema City Beloura**

*Beloura Shopping, R. Matos Cruzadas, EN 9, Quinta da Beloura II, Linhó. T. 219247643*

**Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 11h40, 15h40, 20h20 (V.Port./2D); **O Pai** M12. 17h55, 20h30; **Cruella** M12. 11h20, 15h20, 17h40, 20h; **Raya e o Último Dragão** M6. 11h25 (V. Port./2D); **Spirit Invencível** M6. 11h30, 13h30, 15h30, 17h30 (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 13h40, 15h50, 18h, 20h10

**Castello Lopes - Alegro Sintra**

*Loja 2.21 - Alto do Forte. T. 219184352*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 13h05, 15h40, 17h45, 20h25; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 11h, 20h05 (V. Port./2D); **Ninguém** M16. 14h35, 16h35, 20h30; **O Pai** M12. 18h; **Cruella** M12. 10h50 (V.Port./2D), 13h, 15h05, 17h45, 19h50 (V. Orig./2D); **Tom e Jerry** M6. 11h, 13h30, 15h35 (V.Port./2D); **Raya e o Último Dragão** M6. 11h, 15h50 (V.Port./2D); **Sincronico** M14. 14h10, 16h15, 18h20, 20h25; **Um Homem Furioso** M16. 13h25, 17h40, 20h; **Spirit Invencível** M6. 10h50, 12h40, 18h35 (V. Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 11h10, 13h30, 15h45, 18h, 20h15

### Loures

**Cineplace - Loures Shopping**

*Quinta do Infantado, Loja A003.*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 15h20, 17h50, 20h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 13h10 (V.Port./2D); **Ninguém** M16. 18h20; **Cruella** M12. 14h45, 17h30, 20h15; **Tom e Jerry** M6. 13h40 (V. Port./2D); **Raya e o Último Dragão** M6. 13h20 (V.Port./2D); **Sincronico** M14. 20h10; **Um Homem Furioso** M16. 20h20; **Spirit Invencível** M6. 14h10, 16h20, 18h30 (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 15h40, 18h10, 20h40; **Lassie de Volta a Casa** M6. 15h50, 18h; **Vingança Letal** M14. 16h, 20h50

### Montijo

**Cinemas Nos Alegro Montijo**

*C. C. Alegro Montijo. T. 16996*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 13h20, 16h, 18h10, 20h30; **Peter Rabbit** M6. 10h50, 13h, 15h10 (V.Port./2D); **Spiral** M18. 17h20, 19h50; **Godzilla vs. Kong** M12. 17h35, 20h; **Cruella** M12. 10h40, 13h30 (V.Port./2D), 16h50, 19h40(V.Orig./2D); **Tom e Jerry** M6. 11h, 17h40 (V.Port./2D); **Um Homem Furioso** M16. 12h30, 15h, 20h10; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 10h30, 12h55, 15h20, 17h50, 20h15; **Lassie de Volta a Casa** M6. 10h50, 13h10, 15h30

### Odivelas

**Cinemas Nos Odivelas Strada**

*C.C. Strada Shopping. T. 16996*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 12h50, 15h15, 18h15, 20h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 11h, 13h15, 15h30 (V. Port./2D); **Godzilla vs. Kong** M12. 17h40, 20h15; **Cruella** M12. 13h, 16h15, 19h30 (V. Port./2D); **Um Homem Furioso** M16. 20h; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 14h, 16h30, 19h; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h15, 14h30, 17h

### Oeiras

**Cinemas Nos Oeiras Parque**

*C. C. Oeirashopping. T. 16996*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 13h20, 15h30, 17h50, 20h20; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 11h15, 13h10, 15h20 (V.Port./2D); **O Pai** M12. 19h40; **Cruella** M12. 14h, 16h50, 19h50; **Raya e o Último Dragão** M6. 11h, 14h30 (V.Port./2D); **Quo Vadis, Aida?** M14. 13h30, 15h50, 18h10, 20h30; **Um Homem Furioso** M16. 17h30, 20h10; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 13h, 17h15, 20h; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h30, 13h40, 16h15

### Torres Novas

**Castello Lopes - TorreShopping**

*Bairro Nicho - Ponte Nova.*

*T. 249830752*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 17h50, 20h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 15h50 (V.Port./2D); **Cruella** M12. 13h10, 15h10, 17h50, 19h50; **Tom e Jerry** M6. 11h (V. Port./2D); **Raya e o Último Dragão** M6. 11h (V.Port./2D); **Spirit Invencível** M6. 13h10 (V. Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 13h30, 15h45, 18h, 20h15; **Lassie de Volta a Casa** M6. 11h (V.Port./2D)

### Torres Vedras

**Cinemas Nos Torres Vedras**

*C.C. Arena Shopping. T. 16996*

**Um Lugar Silencioso 2** M14. 12h50, 15h15, 17h45, 20h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 10

# Dia de ficar

## CINEMA

### Os Salteadores da Arca Perdida Fox Movies, 13h13

Primeira aventura de Harrison Ford na pele (e no chicote e no chapéu) do arqueólogo-aventureiro Indiana Jones, um mega-sucesso de Spielberg com música de John Williams. Abre uma maratona com todos os títulos da saga: *Indiana Jones e a Grande Cruzada* (15h04), *Indiana Jones e o Templo Perdido* (às 17h12) e *Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal* (19h13).

### Jogo da Alta-Roda AXN, 19h33

Molly Bloom gere um jogo de pôquer com apostas altas, em que participa um grupo altamente exclusivo de celebridades, mas acaba por ser apanhada pelo FBI. Dirigido por Aaron Sorkin, este *biopic* é interpretado por Jessica Chastain, Idris Elba, Kevin Costner e Michael Cera.

### No Limite do Amanhã Fox, 23h30

Um *thriller* de ficção científica realizado por Doug Liman e inspirado na novela gráfica japonesa *All You Need Is Kill*, de Hiroshi Sakurazaka e Yoshitoshi Abe. Tom Cruise, Emily Blunt, Bill Paxton e Lara Pulver têm os papéis principais. O planeta Terra foi invadido por alienígenas a que nenhuma força militar parece ser capaz de fazer frente. Bill Cage é enviado em missão, mas depressa acaba morto. Contudo, no momento da sua morte, leva consigo um ser extraterrestre. Esse contacto transporta-o para uma misteriosa dimensão que o faz morrer e ressuscitar vezes sem conta, criando assim a possibilidade de encontrar forma de destruir o inimigo.

### Cowboys e Aliens TVI, 1h15

A ficção científica encontra-se com o *western* neste filme de Jon Favreau, baseado na banda desenhada de Scott Mitchell Rosenberg. Um homem (Daniel Craig) acorda sem memória numa pequena cidade do Velho Oeste. Depressa se dá conta de que os forasteiros não são bem-vindos e que quem dita a lei é o temível coronel Dolarhyde (Harrison Ford). Quando se dá um ataque de nave alienígenas, a população entra em pânico e algumas pessoas são raptadas. É então que, numa conjugação de forças, *cowboys*, criminosos e apaches se unem contra um adversário que não tenciona deixar ninguém vivo.

## Televisão

### Os mais vistos da TV

Sexta-feira, 04

	%	Aud.	Share
Espanha X Portugal	RTP1	13,8	37,0
Festa é Festa	TVI	12,5	25,3
Amor, Amor	SIC	12,2	25,0
Bem me Quer	TVI	10,8	24,2
A Serra	SIC	10,7	25,5

FONTE: CAEM

RTP1 15,3%

RTP2 1,0

SIC 19,5

TVI 17,4

Cabo 32,6

### RTP1

**6.30** Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **10.30** Eucaristia Dominical **11.30** Património Mundial da UNESCO - A Cápsula do Tempo da Humanidade **12.33** Unidos ao Clube **12.59** Jornal da Tarde **14.18** Faz Faísca **15.21** Missão: 100% Portugueses

**16.14** André Rieu - Vamos Dançar?

**19.00** Telejornal

**19.52**

Futebol:  
Campeonato da Europa Sub-21 - Alemanha x Portugal

**22.18** Got Talent Portugal

**2.30** Faz Faísca **3.25** Janela Indiscreta

### SIC

**6.00** Camilo, o Presidente **6.30** Guardiões da Galáxia: Missão Evasão **7.00** Uma Aventura **8.00** Minutos Mágicos **9.00** Olhá SIC! **12.00** Vida Selvagem **13.00** Primeiro Jornal **14.15** Fama Show

**14.45** Domingão

**19.57** Jornal da Noite

**21.15** Hell's Kitchen - Final

**22.30** Quem Quer Namorar com o Agricultor?

**0.40** Hell's Kitchen - O Caminho da Vitória

**1.55** Cinema em Casa: Mercado de Capitais

### RTP2

**7.00** Euronews **8.00** Espaço Zig Zag **14.59** Folha de Sala **15.06** Desporto 2 **16.08** Caminhos **16.30** 70x7 **16.58** Andebol: Taça de Portugal - Final **19.00** Nome de Rua **19.06** Europa Minha **19.28** A Arte da Luz Tem 20.000 Anos **20.26** Chegou a Felicidade **21.25** Folha de Sala

**21.30** Jornal 2

**21.48** Página 2

**22.02** Voos Turbulentos

**22.53** Marco Oliveira - Ruas e Memórias

**23.25** Aldina Duarte - Roubados

**0.01** Quatro Estações e Outono **1.42** Cinemax **2.56** Euronews

### TVI

**6.00** Curious George **6.30** Todos Iguais **7.00** O Bando dos Quatro **7.45** Diário da Manhã **10.00** Querido, Mudei a Casa! **11.00** Missa **12.35** Mesa Nacional **13.00** Jornal da Uma **14.20** Somos Portugal

**19.57** Jornal das 8

**21.45** All Together Now

**23.45** Mulheres

**1.15** Cowboys e Aliens

**3.00** Fascínios

### TVCINETOP

**17.45** Bad Boys para Sempre **19.45** Freaks **21.30** Antebellum - A Escolhida **23.15** The Grudge: Maldição **0.45** The Keeping Room - O Último Refúgio

### FOX MOVIES

**17.12** Indiana Jones e o Templo Perdido **19.13** Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal **21.15** 12 Indomáveis **23.20** A Origem do Dragão **0.59** O Ano do Dragão

### HOLLYWOOD

**18.15** A Torre Negra **19.50** Ataque ao Poder **22.00** O Sr. Perfeito **23.35** Bangkok Dangerous - Vingança Silenciosa **1.15** Entrega Perdida

### AXN

**17.42** Wind River **19.33** Jogo da Alta-Roda **21.55** Verdade **0.15** Matem o Mensageiro **2.10** Um Traidor dos Nossos

### FOX

**19.24** A Grande Muralha **21.20** Sem Identidade **23.30** No Limite do Amanhã **1.28** Maze Runner - Correr ou Morrer

### DISNEY CHANNEL

**17.30** Casa da Coruja **18.20** Anfibilândia **19.10** Os Green na Cidade Grande **20.00** Casa da Coruja **20.50** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

### DISCOVERY

**17.25** Barnwood Builders **19.10** O Segredo das Coisas **21.00** A Febre do Ouro: Águas Bravas

### HISTÓRIA

**17.51** Os Bárbaros II **19.19** Os Últimos Espartanos **20.50** A Maldição de Oak Island **22.57** O Ouro Perdido da II Guerra Mundial **0.47** A Comida Que Mudou o Mundo **2.09** Grandes Descobertas

### ODISSEIA

**17.44** Terra de Grandes Felinos **18.33** A Minha Vida no Zoo **19.27** Bornéu: Uma Ilha Antiga **20.18** Viver Mais e Melhor **20.59** A História dos Emirados **21.58** Mestres da Engenharia **22.58** Engenharia Letal **23.36** Red Arrows: Pilotos Acrobáticos

## DESPORTO

### Futebol: Campeonato da Europa Sub-21 RTP1, 19h52

Directo. Depois de ter vencido a Espanha na meia-final, por 1-0, a selecção portuguesa de sub-21 discute o título europeu no encontro decisivo: a final frente à Alemanha, em Ljubljana (Eslovénia).

## DOCUMENTÁRIO

### Wild Australia: Will to Survive Nat Geo, 17h

Estreia. O canal abre um ciclo, para ver ao domingo, dedicado à terra dos cangurus, dos coalas e de muitas outras espécies (de animais mas também de plantas) que fazem da ilha “um dos países com maior diversidade biológica do planeta”, frisa a nota de imprensa, mostrando “habitats conhecidos e outros surpreendentemente novos”.

## MÚSICA

### Marco Oliveira — Ruas e Memórias

RTP2, 22h53

### Aldina Duarte — Roubados

RTP2, 23h25

Em escuta estão dois álbuns gerados no fado. Primeiro, Marco Oliveira conduz um passeio por *Ruas e Memórias*, o recém-lançado terceiro álbum. Foi o último trabalho de produção de José Mário Branco e veio servido pelo single *Nenhum de nós*, que Oliveira descreveu como um fado que “acaba por contar a história de um adeus inacabado”. A seguir, Aldina Duarte canta temas *Roubados* a Tony de Matos, Amália, Carlos do Carmo, Maria da Fé e Beatriz da Conceição, entre outros. Foi esse o título que deu ao álbum que lançou em 2019, ano em que cumpriu 25 anos de carreira, como tributo às suas referências.

## INFANTIL

### O Gato das Botas (v. port.) Fox, 9h12

Uma aventura animada com realização de Chris Miller, sobre o passado do gato que fez furor no segundo filme de *Shrek*. As qualidades deste felino sedutor, carismático e corajoso – e dono de um olhar capaz de comover o mais empedernido dos corações – são postas à prova ao cruzar-se com Kitty Patas Fofas, uma misteriosa gata mascarada.



**Jogue também online.**  
**Palavras-cruzadas,**  
**bridge e sudoku em**  
[www.publico.pt/jogos](http://www.publico.pt/jogos)

**Totoloto**

32 39 46 47 48 3

1.º Prémio **3.000.000€**

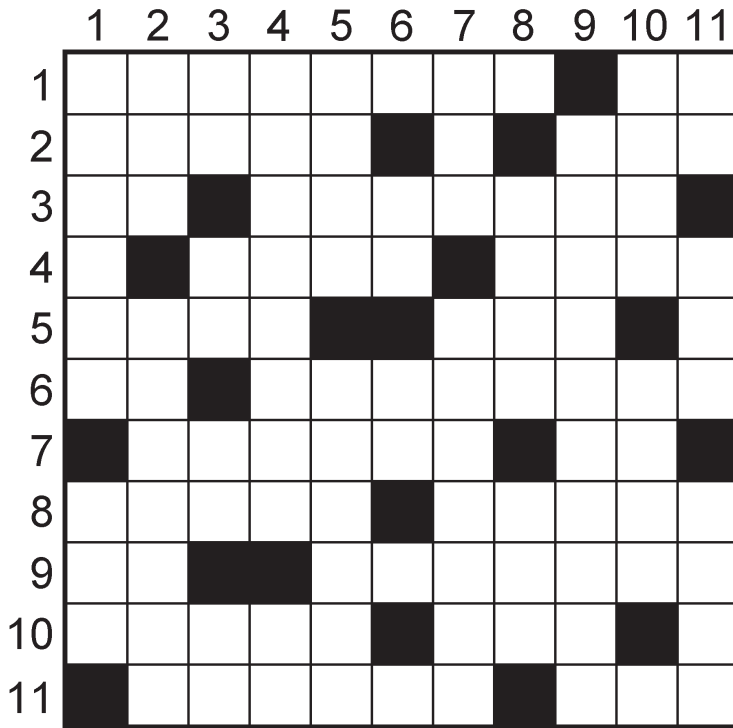
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

**Jogos**

**CRUZADAS 11.363**

**HORIZONTAIS: 1.** Operação (...), o nome de toda a invasão da Normandia. Catedral. **2.** Pé de verso grego ou latino composto de uma sílaba longa, seguida de outra breve. Senão. **3.** Avançava. Farmacêutica chinesa. **4.** Irral (interj.). Grupo circular de ilhas de coral. **5.** Batráquio anuro. Devoto. **6.** Atmosfera. (...), Paredes de Coura e Vilar de Mouros ainda acreditam num Verão de festivais, à espera das regras da DGS. **7.** Fio ou fios de seda torcidos. Ido sem 500 (pista interpretativa). **8.** Nó que se usa nas adriças para levar ao topo dos mastros uma bandeira enrolada e que, com um puxão, se desfaz, e a bandeira desfralda. Mentira (gíria). **9.** Suspiro. Palmilhar. **10.** (...) Kövesi, responsável máxima pela Procuradoria Europeia. Atilho. **11.** Parte ilegível de um escrito, por se ter raspado ou rasgado. Escorreito.

**VERTICAIS: 1.** Preguiçosa. Óxido de cálcio. **2.** Desaparece. Festa ao ar livre, por ocasião de romaria. **3.** Érbio (s. q.). Armada Portuguesa (sigla). Extraterrestre. Interjeição designativa de dor. **4.** «A pergunta insolente, (...) valente». Rácio de transmissibilidade. **5.** Purificar. Ave de rapina, que vive de noite, de canto melancólico e fúnebre. **6.** Símbolo de nordeste. Compaixão. **7.** Abundância (fig.). Caderno de explicações manuscritas, para uso dos estudantes. **8.** Apupe. Naquela lugar. **9.** Cidade parceira da Porto Design Biennale 2021. **10.** Pequena mala. Vestuário talar de magistrado. **11.** Existes. A ele. Curva.

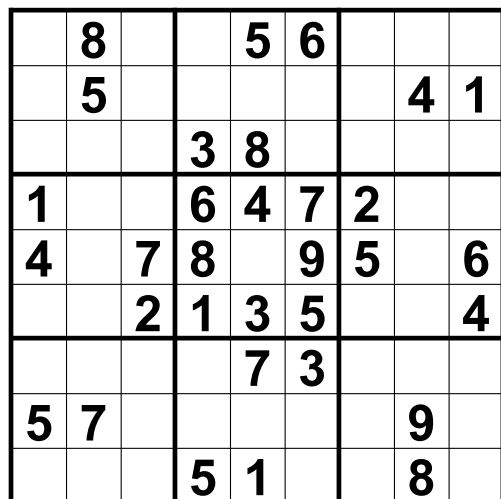


**Solução do problema anterior:**

**HORIZONTAIS: 1.** Ambiente. Or. **2.** Ourelo. Meda. **3.** PIN. As. III. **4.** Biden. Russo. **5.** Ónus. **6.** Fionn. Rasem. **7.** Um. Aia. Aio. **8.** RP. Portugal. **9.** Cuba. Guru. **10.** Arc. Gel. IPA. **11.** Raer. Lesmas.

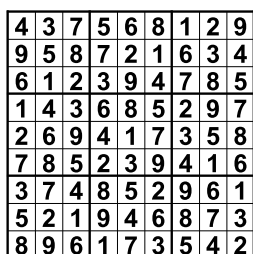
**VERTICAIS: 1.** Ao. Bifurcar. **2.** MUPI. Impura. **3.** Bridão. BCE. **4.** Iene. Napa. **5.** El. Nónio. **6.** Noa. Argel. **7.** Srur. Tule. **8.** Em. Usa. Ur. **9.** Eis. Saguim. **10.** Odisseia. PA. **11.** Raio. Molhas.

**SUDOKU**



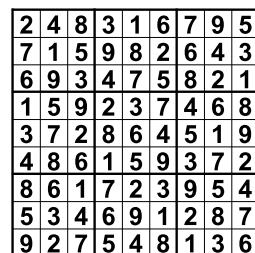
**Problema 10.500**  
Dificuldade: Fácil

**Solução do problema 10.498**



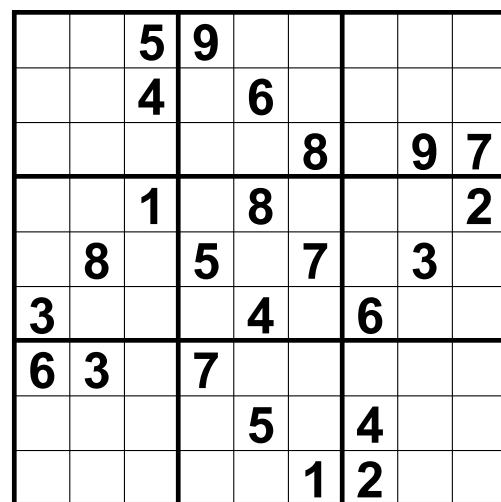
© Alastair Chisholm 2008 and [www.indigopuzzles.com](http://www.indigopuzzles.com)

**Solução do problema 10.499**



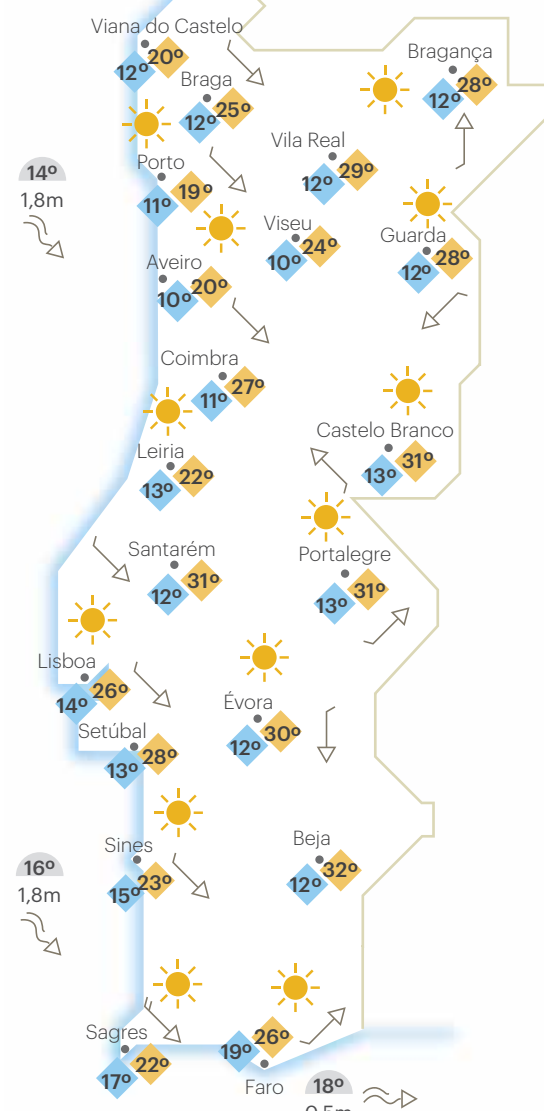
**Problema 10.501**

Dificuldade: Muito difícil



**TEMPO PARA HOJE**

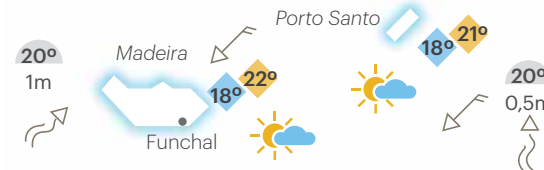
**PORTUGAL**



**Açores**



**Madeira**



**MARÉS**

	Preia-mar	Baixa-mar	*de amanhã
<b>Leixões</b>	m	Cascals	m
07h21	1,1	06h58	1,2
13h38	2,9	13h15	2,9
19h42	1,1	19h19	1,3
01h51*	3,0	01h28*	3,0
		<b>Faro</b>	m
		06h50	1,1
		13h10	2,9
		19h10	1,1
		01h25*	2,9

**PRÓXIMOS DIAS LISBOA**

Segunda-feira, 7	Terça-feira, 8
13° 26°	14° 26°
Índice UV Fraco	Índice UV Fraco
Vento Humidade 57%	Vento Humidade 57%
Quarta-feira, 9	Quinta-feira, 10
14° 27°	15° 26°
Índice UV Fraco	Índice UV M. Alto
Vento Humidade 57%	Vento Humidade 63%

**MEDIDOR DE CO2**

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera  
Valores por semana

Semana de 23 Mai.	418,92
Semana de 16 Mai.	419,09
Há um ano	417,83
Há dez anos	395,13
<b>Nível de segurança</b>	<b>350</b>
<b>Nível pré-industrial</b>	<b>280</b>

**QUALIDADE DO AR**

Portugal

Porto	Muito Bom
Coimbra	Bom
Lisboa	Médio
Évora	Fraco
Faro	Mau

**SOL**



**LUA**

Nova	10 Jun.	10h53
Crescente	18 Jun.	03h54
Cheia	24 Jun.	18h40
Minguante	01 Jul.	21h11



Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

# Estar bem



## Vamos brincar?

O corpo estava, mas a cabeça e a atenção não, e por isso pedem mais, porque eles sentem, mesmo não sabendo o que é, que não estamos tanto quando podemos estar

### Inês Matos

“Mãe, vamos brincar? Pai, vamos ao parque?” Quantas vezes já ouvimos estas perguntas, quantas vezes o nosso coração desejou ardentemente responder que sim, mas a agenda gritou “não”, quantas vezes o dizer sim deixou um amargo de boca e um sentimento de culpabilidade ou foi “recompensado” com noitadas no computador a tentar recuperar o tempo “perdido” no trabalho?

Enquanto mãe e psicóloga clínica, há algo que me toca profundamente e que me parece importante que seja discutido em sociedade, mas sobretudo no interior de cada família: o tempo do brincar, o tempo da família. Em tempo de teletrabalho, parece-me ainda mais urgente reflectir sobre este tema, pois, apesar da presença constante junto aos filhos, o trabalho persegue-nos sob a forma de um computador sempre presente e a ideia de que podemos ser tudo o tempo todo (digo pais, trabalhadores, casal, filhos, 24 horas por dia sem barreiras e com baterias inesgo-

táveis), mas estar em todo o lado ao mesmo tempo gera nas famílias um cansaço tremendo e uma insatisfação crónica.

Mas, afinal, estamos todos juntos o tempo todo, porque estamos então insatisfeitos? Porque pedem os miúdos mais quando estamos sempre aqui e “por aqui”? A meu ver, é uma questão com resposta simples, mas de resolução complexa. Resposta: porque estamos sem “verdadeiramente estar”. Porque estamos com a cabeça no *email* que precisamos de enviar, porque estamos a brincar às construções estando a programar a agenda de amanhã, mesmo que só mentalmente, ou porque estamos a dar banho ou o jantar com os olhos no telefone ou até, coisa inimaginável, mas que a realidade recente do teletrabalho tornou possível, estamos no parque com um auricular no ouvido e outro fora a “assistir a uma reunião”, ao mesmo tempo que os miúdos dão passos de gigante no desenvolvimento. Podemos mesmo di-

zer que estávamos lá? O corpo estava, mas a cabeça e a atenção não, e por isso pedem mais, porque eles sentem, mesmo não sabendo o que é, que não estamos tanto quando podemos estar.

O preço a pagar é muitas vezes a conexão com a criança: estamos lá, mas não estamos sintonizados, o que perdemos é por vezes a risada espontânea do momento em que só olhando uns para os outros já falamos sem palavras, a cara de felicidade pura dos pequenos que conseguiram subir ao escorrega dos grandes, sem ajuda, e que olham em frente, com o peito cheio de orgulho e se deparam com os pais que estão a olhar para outro lado e que, se tiverem sorte, vão perceber que algo aconteceu e dizer: “Boa!” Boa o quê? É um “boa” que se arrisca a ser inespecífico, é um “boa automático” não um “boa, vemos isto em conjunto”.

Que o leitor não me interprete mal: a presença é importante e, de facto, para as crianças mais peque-

nas, terem estado tanto tempo com os pais em casa foi benéfico em alguns aspectos do desenvolvimento, criaram-se laços mais estreitos e os pais tiveram, de facto, oportunidade de assistir em primeira mão a muitas etapas a que só a escola ou os cuidadores é que classicamente assistiam.

O que é uma ida ao parque, no fundo? É uma oportunidade de desenvolvimento. As crianças sobem obstáculos, treinam a motricidade, aquilo que era difícil num dia passa a ser fácil no outro e mais tarde nem vemos que aquele obstáculo alguma vez lá esteve, de tal maneira a criança evoluiu e tudo parece tão natural. Mas o parque é também uma oportunidade única de desenvolver competências sociais. Contrariamente à escola, aqui os outros são muitas vezes desconhecidos, cuja idas e voltas e as idades são imprevisíveis, é um sem-número de oportunidades para reconhecer o outro, os limites da própria interacção, para aprender a ge-

rir as emoções como a frustração de não nos emprestarem algo, ou de ver os mais velhos chegarem primeiro ao baloiço.

Estar presentes, “mesmo mesmo” no parque com os miúdos é enviar todos estes sinais: “Estou aqui se precisares, mas não vou a correr porque acho que vais conseguir. Mas, se não conseguires, estou aqui para te levantar e consolar, para tentares de novo quando quiseres.” Penso que não se fala o suficiente do benefício de as crianças correrem riscos, de brincarem, de se sujarem, de estragarem as roupas, de andarem na rua, de se rebolarem no chão.

Olhamos muitas vezes para o risco como algo negativo, para as possíveis consequências, para o “e se correr mal?” “E se cair e se magoar?” Mas e se correr bem? Esquecemos por vezes de olhar para o potencial transformador de um risco corrido e de um desafio ultrapassado, para o aumento da autonomia e da confiança que este desafio pode criar. Deixar correr risco é nunca permitir à criança o confronto com os seus próprios recursos, nunca a deixar surpreender-nos com a sua capacidade de resiliência, não a deixar sentir por ela própria que foi capaz de ultrapassar uma dificuldade. E estar presente, presente mesmo, nestes momentos é deixar-se maravilhar pelo impacto positivo destas experiências na relação, é termos visto a dificuldade, festejando em conjunto o sucesso, ou mesmo ajudar no insucesso, mas é partilha, são memórias, é sincronia, é tempo de relação e de qualidade.

Da próxima vez que o vosso coração gritar desesperado para responder sim ao “vamos brincar?” respondam sim, dediquem o tempo porque os benefícios desse momento deixam ecos profundos no bem-estar, na qualidade da relação e necessariamente terão impacto no envolvimento da criança na relação com os pais, com os pares, na maneira como vai encarar desafios, na auto-estima, mas também no sentimento de pertença que torna mais fácil todos os desafios da oposição, das regras e dos limites, tantas vezes cansativos e dolorosos na dinâmica familiar.

Quando as vossas mentes formatadas pela nossa sociedade dos “super-humanos, superpais e supertrabalhadores” vos disserem que “brincar será perder tempo”, respondam orgulhosamente que brincar é investir tempo na relação e bem-estar das famílias e na verdade poupar tempo com birras e limites a impor, uma vez que os pequenos poderão desenvolver-se de maneira mais harmoniosa, as famílias terão maior nível de satisfação na relação, então na verdade, brincar é, e muito, produtivo!

**Psicóloga**

## O artista solar, mestre da cor e da esperança

Escreveu muito sobre bichos pequenos e, no entanto, era um criador gigantesco. No talento, no olhar. Eric Carle morreu aos 91 anos

Maria João Lopes

Quando era criança, o pai costumava levá-lo a passear por campos e bosques. Nessas deambulações por entre os mistérios e os fascínios da natureza, o pai levantava uma pedra ou tirava um pouco da casca de uma árvore e mostrava a vida que por ali acontecia. Falava-lhe dos ciclos daquelas existências, de uma ou de outra pequena criatura, abelhas, minhocas, formigas, e depois voltava a pôr cuidadosamente o pequeno bichinho de volta na sua casa.

Eric Carle, o ilustrador e escritor de obras que correram e correm o mundo, morreu a 27 de Maio, em Northampton, Massachusetts, Estados Unidos. Insuficiência renal. Tinha 91 anos. Na sua obra e nas suas criações, voltava muitas vezes às memórias desses tempos felizes da infância, em que descobria o mundo com o pai. “Penso que nos meus livros homenageio o meu pai, quando escrevo sobre pequenas coisas vivas”, escreveu no seu *site*.

Em vários livros criou a partir da existência de bichos pequenos, lagartas que se transformam em borboletas, aranhas muito ocupadas, grilos silenciosos, joaninhas resmungonas. Criava muito em redor de animais, insectos, pequenas criaturas, mas era um gigante. Tinha inúmeros leitores, de muitas idades, criou-se a partir do que ele criou, era de todos e, no entanto, era único, num estilo inimitável. Eric Carle conseguiu o golpe de asa dos grandes talentos e mestres: um olhar inocente, uma vivacidade na cor, uma mensagem de esperança, um ritmo nas frases, nas enumerações e repetições, conseguiu chegar ao lugar difícil em que a simplicidade, sendo tão delicada quanto transbordante,

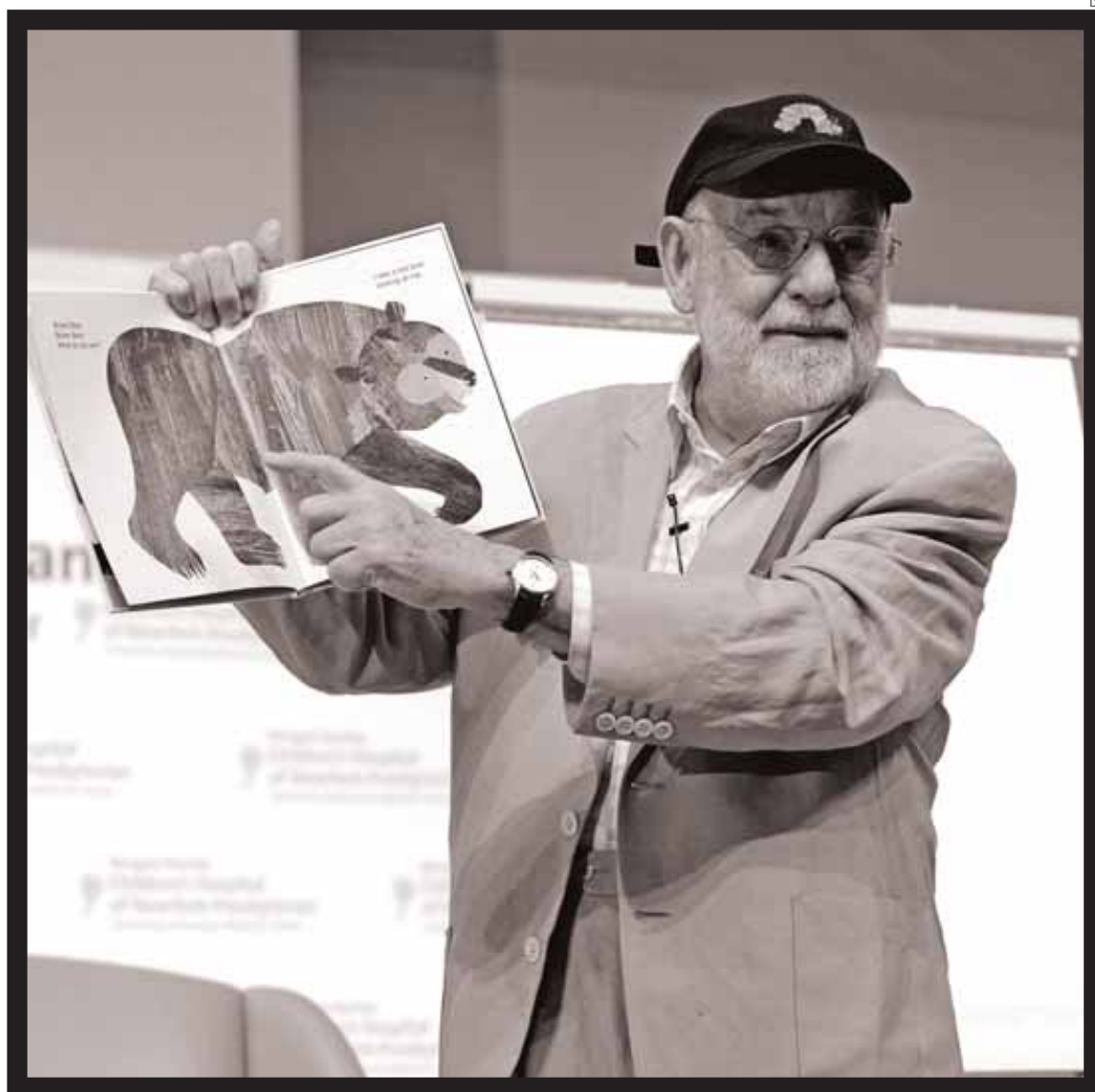
não é simplista. Conseguiu chegar aos mais velhos e aos mais novos, sem infantilizar ninguém.

Tinha consciência dessa simplicidade, procurava-a. Em 2002, numa entrevista à PBS admitia que as suas obras eram “aparentemente simples”: “Toda a minha vida tentei simplificar as coisas. Quando era criança, na escola, muitas vezes as coisas eram muito difíceis de entender, desenvolvi um talento, acho. Desenvolvi um processo para simplificar as coisas de maneira a entendê-las. Há esta citação maravilhosa de Leonardo da Vinci. Tenho-a ao pé da minha secretária e diz: ‘Quanto mais minuciosamente descreveres, mais vais confundir a mente do leitor, e mais vais impedir que tenha um conhecimento da coisa descrita.’”

Brincava com o seu talento, ao mesmo tempo que respeitava as crianças, enquanto leitores e pessoas criativas: “Os meus desenhos são colagens. Não inventei as colagens. Artistas como Picasso e Matisse e também Leo Lionni e Ezra Jack Keats fizeram colagens. Muitas crianças fizeram colagens. Na realidade, algumas crianças já me disseram: ‘Ah, consigo fazer isso.’ Considero-o o maior elogio.”

Ilustrou mais de 70 livros, a maior parte dos quais também escreveu, e que venderam cerca de 170 milhões de cópias no mundo. *Urso Castanho*, *Urso Castanho, o Que Vês aqui?*, com Bill Martin Jr.; *A Joaninha Resmungona*; *10 Patinhos de Borracha*; *A Aranha muito Ocupada*; *O Artista Que Pintou Um Cavalo Azul*; *Amigos*; *Papá, Por Favor, Apanha-me a Lua ...* O mais conhecido é *A Lagartinha muito Comilona*. Publicado em 1969, foi traduzido para mais de 70 línguas.

A ideia inicial para o livro surgiu



### Eric Carle 1929-2021 Ilustrador

através de um furador de papel que levou Carle a imaginar uma traça que ia comendo um livro. O editor, porém, sugeriu que se trabalhasse a partir da ideia de lagarta. Em 2019, no 50.º aniversário de *A Lagartinha muito Comilona*, o autor disse, numa entrevista, que era um livro “sobre esperança”, que “as crianças precisam de esperança”: “Tu, pequena e insignificante lagarta, podes crescer e tornares-te uma linda borboleta e voar pelo mundo com o teu talento.”

Nascido em 1929 em Siracusa, estado de Nova Iorque, mudou-se com os pais para a Alemanha quando tinha seis anos (os pais eram alemães). Estudou na Academia de Belas-Artes de Estugarda, mas sempre quis voltar

à terra onde tinha nascido, o que aconteceu: em 1952 chegou a Nova Iorque. Conseguiu emprego como *designer* gráfico no *The New York Times* e trabalhou também como director de arte numa agência de publicidade, teve ajuda de outro grande nome dos livros para a infância, Leo Lionni.

Foi a imagem de uma lagosta criada para um anúncio por Eric Carle que chamou a atenção de Bill Martin Jr e que o levou a lançar-lhe o desafio de ilustrar um texto que tinha escrito. *Urso Castanho*, *Urso Castanho, o Que Vês aqui?* foi o resultado da frutífera colaboração. Corria o ano de 1967 e, sem perder tempo, Eric Carle começou a escrever também as suas próprias histórias.

Durante o tempo na Alemanha, e quando Carle era ainda adolescente, um professor de Arte convidou-o para ir a sua casa. Nessa visita – e secretamente, porque o regime nazi o proibia – mostrou-lhe arte expressionista e deu-lhe a conhecer o *Cavalo Azul*, de Franz Marc, que o inspirou para *O Artista Que Pintou Um Cavalo Azul*. “Estava habituado a quadros bonitos com uma montanha ao

fundo. Ainda que tenha ficado chocado, sempre guardei aquele dia no coração”, disse à NPR, em 2011. Pintar animais com cores não convencionais foi também uma forma de mostrar aos pequenos leitores que não há cores erradas.

Na altura em que foi viver para a Alemanha, o pai foi chamado para o Exército e foi prisioneiro de guerra na Rússia. Aos 15 anos, o regime nazi recrutou Eric Carle para cavar trincheiras. O tempo que passou em zonas de guerra influenciou o seu trabalho. Mas até essa influência foi transformada em algo luminoso e positivo. Ao *The Times*, em 2007, explicou que os cinzentos, castanhos e verdes-escuros “usados pelos nazis para camuflar edifícios” só aumentaram a sua paixão por cores intensas e alegres.

Gostava de todas as cores, dizia que a combinação entre elas era mais importante do que cada uma individualmente. Apesar disso, admitia um fraquinho pelo amarelo e uma das razões era porque muitas crianças fazem um sol amarelo nos desenhos. Eric Carle também o fazia. Era um artista solar.

# COMO É QUE AINDA NÃO SABE?



**P**